

2

PÁGINA

Ética comunicativa e
democracia global
Heloisa Pait

*Entrevista com Luis
Fernando Ayerbe*

3

PÁGINA

Ferguson e a
democracia na
América

*Ana Paula Silva e
Milton Lahuerta*

4

PÁGINA

Ucrânia: futuro do passado
Marcos Del Roio

FÓRUM



Imagens 123RF

FOCO NO MUNDO

Na complexa realidade do mundo atual, questões tradicionais se misturam a assuntos surgidos de transformações recentes, ao mesmo tempo que problemas regionais convivem com outros de dimensões mais amplas. Esta edição do caderno Fórum aponta para tal diversidade, a partir de artigos que originalmente foram escritos para o *Estadão Noite*, um serviço do jornal *O Estado de S. Paulo* destinado à informação de leitores que

possuem tablets. Os textos focalizam temas como os aspectos políticos e éticos do funcionamento das redes sociais, a histórica instabilidade da Ucrânia e as origens socioeconômicas das tensões raciais nos Estados Unidos. Além dessas análises, uma entrevista com o professor Luis Fernando Ayerbe, do Câmpus de Araraquara, apresenta as propostas e atividades do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais (IEEI) da **Unesp**.



ÉTICA COMUNICATIVA E DEMOCRACIA GLOBAL

Heloisa Pait

Qual o papel da nova esfera pública global no andamento das relações internacionais? Em que medida os novos meios de comunicação podem trazer uma pluralidade de vozes para a arena pública, influenciando tomadores de decisão e promovendo a paz e o entendimento? Se olharmos o recente conflito em Gaza, a resposta é nenhuma: o antissemitismo explícito nas redes sociais pode ter trazido desgosto às comunidades judaicas em todo o globo, mas nenhum alívio a palestinos em Gaza.

O brilhante artigo de Gilad Lotan em *Global Voices* explica o porquê: analisando relações entre tweets e retweets durante o conflito, e ilustrando-as num belo grafo, o autor mostra que apenas uns poucos veículos de comunicação ou blogueiros eram lidos pelos campos, falando grosseiramente, pró-Israel e pró-Palestina. No geral, líamos e compartilhávamos apenas aquilo que não nos questionava. Agíamos como leitores e espectadores, enquanto agora somos mais que meros consumidores de notícia: viramos repórteres e editores. Temos a responsabilidade de verificar a informação, avaliar raciocínios e principalmente refletir sobre o impacto do que dizemos.

Como sair da armadilha da reiteração e entrar na teia do diálogo?

Para que possamos compreender melhor nosso papel na teia comunicativa contemporânea, são necessários muita computação, muitos grafos como o de Gilad dedicados à compreensão do uso massivo da Internet. Mas não apenas isso: é preciso uns esforços morais, educacionais, para que nos tornemos verdadeiros cidadãos digitais, caixas de ressonância de ideias e de informação, e não de ódio e estupidez. Esse esforço cidadão não será fei-

to, obviamente, através de conselhos censores. Ele deverá ser feito por jornalistas, educadores, programadores, líderes políticos e pessoas comuns com bom senso e bom coração, que escreverão juntos um código de ética para nossa vida digital.

Se a tecnologia é nova e a escala humana com que trabalhamos é inusitada, essa ética comunicativa deverá ser baseada em preceitos ancestrais, adaptados ao longo dos séculos conforme foram mudando as tecnologias da comunicação. Um deles é o imbatível “não levantarás falso testemunho”. Se na censura o governante decide o que você pode dizer, aqui você é instado a refletir antes de repetir acusações ou simplesmente inventá-las. O nono mandamento, atualizado para a Internet, seria algo como “Rethink before RT”.

Formas tecnológicas e simbólicas para classificar posts não apenas quanto ao número de leitores e apreciadores, mas também quanto à qualidade da informação ou opinião oferecida seriam bem-vindas, para que nós leitores comuns possamos evitar as armadilhas da desinformação. Sabemos quão decente é um vendedor de presilhas de cabelo no eBay, mas não o quão confiável é uma conta no Twitter que nos informa sobre o desenrolar de dramas envolvendo preciosas vidas humanas.

Gaza nos alertou para o abismo entre discursos circulando na esfera pública e a realidade complexa e dramática no Oriente Médio, mas também no conflito na Ucrânia e em nossas polêmicas nacionais enfrentamos o mesmo problema: como sair da armadilha da reiteração surda e entrar na teia do diálogo, que envolve escuta e ponderação? Aí sim o resultado desse diálogo complexo e inclusivo poderá basear ações democráticas e inteligentes, por parte da sociedade civil e também de governos.

Heloisa Pait é professora de Sociologia da Unesp de Marília.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 19 de agosto de 2014.

A íntegra deste artigo está disponível no “Debate acadêmico” do Portal Unesp, no endereço <<http://www.unesp.br/portal#!/debate-academico/rethink-before-rt-etica-comunicativa-e-democracia-global/>>.

IEEI: ESPAÇO DE PESQUISA E FORMAÇÃO DE ESPECIALISTAS

LUIS FERNANDO AYERBE
Por Oscar D'Ambrosio

Coordenador do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais (IEEI), membro do Conselho Acadêmico do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Estudos sobre os Estados Unidos (INCT-Ineu), da Red de Integración de América Latina y el Caribe (Redialc) e membro associado do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (Cedec), Luis Fernando Ayerbe é professor titular de História Geral da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, Câmpus de Araraquara, e atua no Programa San Tiago Dantas de Relações Internacionais da Unesp, Unicamp e PUC/SP.

JORNAL UNESP: Qual é o principal objetivo do IEEI?

LUIS FERNANDO AYERBE: Dentro do foco essencial do IEEI – a pesquisa –, cujos resultados se transformam em produtos públicos de diversa natureza, como seminários, publicações, cursos e ações de mídia, buscamos atrair jovens pesquisadores, tanto estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação, como profissionais que atuam como docentes ou funcionários de organizações da área de relações internacionais. Trata-se de um caminho de duas vias. Numa direção, o Instituto torna-se espaço aberto de pesquisa e formação; mas, ao mesmo tempo, se enriquece com a competência, energia e dedicação de um universo de jovens estudiosos. Para que esse processo tenha a fluidez que o caracteriza, torna-se fundamental a inserção do IEEI como parte da estrutura da Unesp.

JU: Quais as principais ações nesse sentido?

LUIS FERNANDO AYERBE: Sempre que iniciamos um projeto, consultamos nas redes de contato mais próximas o interesse em formar grupo de discussão para aprimorar e dar a formatação à ideia inicial. A partir desse momento, consolida-se a equipe do projeto e a iniciativa entra em operação. Um exemplo é o projeto “Extraterritorialidades, entrecruzamento de soberanias e fontes de conflito na América Latina”, com financiamento da Fundação Friedrich Ebert. Foram montadas equipes envolvendo pesquisadores sênior do Brasil e do exterior e mestrandos e doutorandos do Programa San Tiago Dantas de Pós-graduação de Unesp, Unicamp e PUC/SP, adotando como perspectiva o não estabelecimento de hierarquias associadas à titulação e/ou experiência anterior. Essa interação se materializou na participação autoral das equipes em diversos produtos públicos:



Instituto se enriquece com dedicação de jovens pesquisadores

seminários, entrevistas em meios de comunicação, textos para discussão eletrônicos, como os Ensaios do IEEI, e livros publicados no Brasil e nos Estados Unidos.

JU: Como o projeto Sem Diplomacia se encaixa nesse contexto?

LUIS FERNANDO AYERBE: A partir de parceria com a Assessoria de Comunicação e Imprensa da Unesp, colocamos em funcionamento três dinâmicas: 1) uma equipe de pesquisadores faz o levantamento e leitura minuciosa de fontes em mídias sobre a conjuntura internacional, com elaboração de pequenos resumos para o público leitor; 2) produção de artigos de opinião analisando os temas que consideramos mais importantes; 3) inserções na mídia na forma de podcasts, videocasts e programa em vídeo.

JU: De que maneira o programa em vídeo Sem Diplomacia pode auxiliar nas discussões sobre relações internacionais dentro e fora da Unesp?

LUIS FERNANDO AYERBE: O programa representa um grande desafio. Sua natureza mensal, com analistas apresentando visões antagônicas de um tema polêmico, nos coloca em constante estado de atenção para a definição e elaboração de pautas. Foram gerados programas com destaque sobre temas de forte impacto na conjuntura, trazendo especialistas que expressam a diversidade de profissionais, pós-graduandos e pesquisadores que enriquecem e projetam o grande complexo de relações internacionais estruturado pela **Unesp** nos campos do ensino, da pesquisa e da extensão.

Mais informações sobre o Instituto de Estudos Econômicos Internacionais <<http://www.ieei-unesp.com.br/>>.

Sobre o Projeto Sem Diplomacia <<http://www.unesp.br/semdiplomacia/>>.

FERGUSON E A DEMOCRACIA NA AMÉRICA

Ana Paula Silva e Milton Lahuerta

O caos que explodiu em Ferguson após o assassinato de um jovem negro é um sintoma trágico da combinação da precarização do trabalho no novo capitalismo com a consolidação do Estado penal, que fez dos EUA os campeões mundiais de encarceramento. O sociólogo Loïc Wacquant demonstra como essa onda punitiva [...] se tornou um método de contenção, sobretudo racial, para uma marginalidade emergente. Não deve se entender com isso que esteja ocorrendo uma mera repetição da história de segregação social e de apartheid, pois é inegável que com a extensão dos direitos civis para os negros, com a força dos movimentos sociais, com as políticas de ações afirmativas, com o monitoramento de crimes raciais e de ódio, os negros, assim como outras minorias, passaram a ter chances reais de superar a condição de profunda subalternidade a que estavam submetidos. [...]

Sociedade vive crise da política imposta pelo novo capitalismo

Se não é possível dizer que a história se repete, é preciso compreender que ela se complexifica e se combina com velhos problemas, que não estão totalmente superados. [...] Se geograficamente o Missouri é um estado da região Centro-Oeste dos EUA, muitos estudiosos o identificam como um Estado do Sul segregacionista, devido à sua história. Uma das evidências disso é que, durante décadas, o Estado atraiu muitos dos racistas mais virulentos do país, incluindo neonazistas e remanescentes da outrora poderosa Ku Klux Klan (KKK). Nas últimas décadas, com a nova onda de direitos pós-civis, essas manifestações declaradamente racistas, que incentivam a violência, perderam influência, mas deixaram seu legado em algumas instituições. Um exemplo disso é o “Conselho de Cidadãos Conservadores” (CCC), com sede em St. Louis, que representa a “resistência branca” e tem raízes históricas nos chamados conselhos cidadãos, criados na década de 1950 como um “complemento respeitável” da KKK. [...]

Soma-se a isso que a região metropolitana de St. Louis perdeu, nessa última grande crise, duas



montadoras Chrysler, bem como uma fábrica de montagem da Ford, entre outras perdas na economia relacionadas à indústria. O desemprego e o trabalho assalariado fragmentado, combinados com a fragilidade das políticas públicas, amontoam a população negra em um anel de subúrbios, nos quais as escolas e os governos locais prosseguem sendo geridos por funcionários brancos mal remunerados. [...] Ferguson é parte do subúrbio de St. Louis, que era predominantemente ocupado por uma população branca até os anos 1970, quando esse perfil demográfico-racial começou a se modificar.

Sem dúvida, a opinião democrática dos EUA e de demais partes do mundo espera que o assassinato do jovem negro Michael Brown possa ser investigado com isenção e julgado com o rigor da lei. Mas há que se entender que toda a tensão racial expressa no caos e ressentimento gerados posteriormente é fruto de uma sociedade que vive uma crise não apenas econômica, mas da política imposta por esse novo capitalismo. Para se viver em uma sociedade cosmopolita, em que os fluxos são intensos e as diferenças não estão divididas em muros e em campos de concentração, é preciso um repertório de cidadania que promova o diálogo. Ou seja, numa sociedade em crise de referências e de valores, os velhos preconceitos se misturam a uma multiplicidade de moralidades e modos de vida, tornando-se assim um ingrediente explosivo para que cresça não somente a violência, mas também para alimentar todo tipo de intolerância e destruir os pressupostos necessários para o florescimento de uma cultura política cívica e democrática.

Ana Paula Silva é socióloga e integrante do Laboratório de Política e Governo da **Unesp**.

Milton Lahuerta é professor de Teoria Política e coordenador do Laboratório de Política e Governo da **Unesp**.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* dia 26 de agosto de 2014.

A íntegra deste artigo está disponível no “Debate acadêmico” do *Portal Unesp*, no endereço <<http://www.unesp.br/portal#!/debate-academico/ucrania-futuro-do-passado/>>.



UCRÂNIA: FUTURO DO PASSADO

Marcos Del Roio

A Ucrânia é local de origem do primeiro reino eslavo e também das línguas eslavas. No entanto, desde o século XIV os ucranianos foram submetidos ao reino da Polônia e Lituânia. Em 1667 é feita uma partilha da Ucrânia entre Polônia e Rússia, cuja fronteira era o Rio Dnieper. A extinção da Polônia como reino, em 1795, fez com que a Ucrânia ficasse dividida entre Rússia e Áustria. Com a restauração da Polônia, em 1920, a parte austríaca da Ucrânia retorna à soberania polonesa, enquanto a maior parte daquele território passa a ser república dentro da URSS. A vitória soviética contra as hordas nazifascistas, em 1945, unifica finalmente a Ucrânia.

No entanto, a Ucrânia que se formou é muito heterogênea, com católicos no ocidente e ortodoxos a oriente; mistura com poloneses, austríacos, húngaros a ocidente e com russos no oriente. Importante observar que muitos russos migraram para a Ucrânia oriental a partir do século XVIII, de modo que cerca de ¼ da população atual é de língua russa, em particular na Crimeia e Nova Rússia. Difícil dizer o quanto se pode falar de um povo/nação ucraniano.

Nota-se assim que foi a desintegração da URSS, em 1991, que possibilitou o surgimento da Ucrânia como Estado independente. O peso do passado condiciona o futuro da Ucrânia. A única garantia da unidade territorial está na organização federal e no reconhecimento da sua enorme diversidade étnica e linguística.

Em 2011, a Ucrânia assinou um tratado de livre comércio com a Rússia, junto com outras seis repúblicas da antiga URSS. A Rússia, por sua vez, empreende um movimento de criação de um espaço econômico e estratégico euroasiático. Claro que a União Europeia e principalmente os Estados Unidos tentam sabotar esse movimento com outro que busca ocupar a Ucrânia e destruir a própria Rússia, se possível, em busca de seus recursos na-

turais e energéticos.

Com esse objetivo é que foi articulado o golpe de Estado de fevereiro de 2014. O golpe foi organizado com assessoria dos Estados Unidos e posto em prática por todos os partidos políticos com exceção dos comunistas e do Partido das Regiões (ambos federalistas). O papel mais importante foi desenvolvido pelo chamado Setor de Direita e pelo Partido Liberdade, herdeiro da vertente que

Tudo serve para implantar punições econômicas contra a Rússia e caminhar para a guerra

se aliou a Hitler em 1941 na guerra de conquista e extermínio contra a URSS, e por mercenários contratados nos EUA. Não por nada o seu símbolo é a suástica. Os golpistas têm por programa fazer do ucraniano a única língua nacional (o russo foi proibido) e vincular o país à Europa/EUA contra a Rússia, inclusive em chave militar. Recentemente, num incrível ímpeto de sinceridade, um jornalista ucraniano disse que a região oriental do País deve servir para exploração de recursos naturais e que pelo menos um milhão e meio de pessoas deve ser exterminado (russos, por acaso).

Certo que, além da entrega das riquezas do país, a Ucrânia deverá se tornar uma base militar a mais da Otan. Para prevenir que a esquadra americana aportasse em Sebastopol foi que a Rússia aceitou o pedido da república autônoma da Crimeia de se vincular à Rússia (a Crimeia foi da Rússia até 1954 e é habitada por cerca de 90% de russos). No entanto, a Rússia não pode aceitar o pedido de socor-

ro da Nova Rússia, por ser província da Ucrânia e não república autônoma. Uma intervenção direta da Rússia seria a guerra, algo que os golpistas de Kiev querem, mas a Rússia não quer. A Rússia não quer oferecer motivos para justificar a intervenção da Otan.

As acusações e provocações contra a Rússia não cessam, incluindo a acusação (sem qualquer prova) de haver derrubado um avião civil, quando as informações e evidências atuais indicam que o avião malaio foi derrubado por um avião de combate da Ucrânia. Tudo serve para implantar punições econômicas contra a Rússia e caminhar para a guerra.

A Rússia, contudo, começa a reagir contra as punições econômicas de EUA e União Europeia, retaliando em nível comercial e investindo fundo na aproximação com antigas repúblicas soviéticas e com os chamados Brics. Enquanto isso, na Ucrânia, as províncias rebeldes do oriente do país resistem com bravura e contam com voluntários vindos da Rússia e de outros países. Em outras partes do País a resistência antifascista também aumenta. A crise econômica e social gravíssima tende a piorar nos próximos meses e o resultado da crise política pode ser uma crise do Estado, que verá a Ucrânia mais uma vez dividida: o ocidente será uma ruína social, como são já a Bulgária, a Romênia, mais a ocidente, enquanto o oriente poderá cair nos braços da Rússia.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 12 de agosto de 2014.

A íntegra deste artigo está disponível no "Debate acadêmico" do *Portal Unesp*, no endereço: <<http://www.unesp.br/portal#!/debate-academico/ucrania-futuro-do-passado/>>.

Marcos Del Roio é professor de Ciências Políticas da Unesp de Marília.



5 Núcleo de Computação Científica é selecionado para programa da Intel

11 Unesp é universidade brasileira que mais subiu no ranking internacional QS

7 Formiga parasita aponta novos caminhos para surgimento de espécies



jornal unesp



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA • ANO XXVIII • NÚMERO 304 • OUTUBRO 2014



Shutterstock

ESPAÇO DE REFLEXÃO

Pesquisadores e autoridades acadêmicas do país e do exterior se reuniram na Escola Unesp de Liderança e Gestão para debater questões como administração e governança do ensino universitário, tendências da educação superior e desafios dos gestores públicos num contexto de complexidade crescente. **páginas 8, 9 e 10.**



4 Engenheiro cria cubo mágico eletrônico mais interativo e dinâmico

12 Repositório Institucional completa um ano com mais de 70 mil documentos

Análise global
Especialistas refletem sobre questões polêmicas do atual cenário internacional



A necessária reflexão sobre a universidade

Propomos a criação de fóruns e colóquios permanentes sobre o destino dessa instituição

Luttgardes de Oliveira Neto, Marcelo Carbone Carneiro e Paulo Noronha Lisboa Filho

Shutterstock

Na Escola de Gestão organizada pela **Unesp** e com a participação dos vice-diretores das unidades, tivemos um ambiente interessante de reflexão e debate sobre algumas questões inevitáveis para quem se impõe a tarefa de pensar o sentido e o destino da universidade.

A primeira questão é saber o que entendemos como universidade e qual seu papel no desenvolvimento do Estado e do país.

A **Unesp**, nesse contexto, tem realizado uma série de mudanças internas na busca para alcançar o patamar de uma “universidade de classe mundial”, podendo ser citadas a expansão no número de cursos de graduação e de vagas, as avaliações e muitas exigências institucionais, a adaptação às exigências do mercado etc. No entanto, são exatamente essas políticas que nos levam a interrogações fundamentais:

1. Não será a exigência de adaptação o mais significativo afastamento da universidade em relação à sua constituição? Não será ela justamente o reconhecimento de que é a própria essência da universidade que perde o seu lugar? Ou temos que construir um outro modelo de universidade?

2. Colocamos, também, uma outra questão: não estará a universidade fechada sobre si? Terá ela ainda inteligência e forças suficientes para compreender a sua situação, a marginalização e as mudanças que comprometem seus objetivos e suas características fundamentais? Ou, pelo contrário, ela está destinada a sobreviver na celebração inconsciente do seu próprio fim, semelhante ao personagem mítico “Titono” (irmão mais velho do rei de Troia) que, pedindo a Zeus que não morresse, mas esquecendo-se do curso inevitável do envelhecimento, vê a sua morte adiada a cada instante, mas lentamente se desvanecendo, definhando e convertendo-se numa sombra



É urgente se perguntar se o desenvolvimento pretendido para as universidades não sacrifica suas características essenciais

errática entre os vivos?

É urgente hoje perguntar se o desenvolvimento pretendido das universidades não ocorre justamente a partir do sacrifício de suas características essenciais ou se há um outro caminho para invenção de outro modelo.

As universidades estaduais paulistas são pólos de concentração de um saber que, a partir de si mesmo, se multiplica e desenvolve, através da conjugação da investigação e do ensino. É a disciplina universitária – cuja essência consiste em interrogar e pensar esse mesmo saber – que caberá, de um modo mais radical

e pleno, pensar a própria universidade que a acolhe.

O QUE É A UNIVERSIDADE PARA NÓS HOJE?

A autonomia e a transparência na gestão administrativa/orçamentária também são temas de grande importância nessa autoavaliação, pois trazem questões como ingerência externa, relação bilateral universidade e sociedade, relação entre atividades meio e fim.

Temas atuais que implicam opiniões divergentes e vêm sendo apresentados à comunidade universitária são a gratuidade aos estudantes, a inclusão social e a permanência estudantil,

as metodologias e a posturas docentes frente às novas gerações de estudantes e suas particularidades, as novas mídias e tecnologias, dentre outros.

Diante de toda essa discussão propomos a criação de fóruns e colóquios permanentes de discussão sobre a universidade. A autorreflexão sobre a universidade sempre foi necessária mas, no momento de crise na qual temos ameaças à autonomia, ao espaço para produção do conhecimento, à formação acadêmica, ao exercício da cidadania, à soberania do estado etc., a discussão é imperativa, necessária e urgente.

Luttgardes de Oliveira Neto, Marcelo Carbone Carneiro e Paulo Noronha Lisboa Filho são, respectivamente vice-diretores da Faculdade de Engenharia, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação e da Faculdade de Ciências da **Unesp**, todas em Bauru.

A íntegra deste artigo está disponível no “Debate acadêmico” do *Portal Unesp*, no endereço <http://goo.gl/GGRaoK>.

Um novo significado para a universidade

Conhecido por seus estudos no campo da educação, Ronald Barnett enfatiza que instituições de ensino superior precisam entender melhor seu papel no contexto da sociedade global

Marcos Jorge

R eferência mundial em pesquisas na área educacional, Ronald Barnett é professor emérito no Instituto de Educação da Universidade de Londres. No dia 26 de agosto, ele participou do evento promovido pela Escola Unesp de Liderança e Gestão, em São Paulo. Além da bagagem teórica, as propostas de Barnett se fundamentam na sua experiência de gestor, como pró-reitor e diretor de Estratégias a Longo Prazo do Instituto. Um dos temas tratados pelo convidado foi o futuro das universidades num contexto que ele denomina de “era da supercomplexidade”, em que as características do mundo atual impõem desafios e atribuições com os quais as universidades ainda estão tentando lidar. Barnett concedeu esta entrevista ao *Jornal Unesp* logo após sua participação no evento.

Jornal Unesp: *É um fato histórico que a universidade tem enfrentado desafios desde o início de sua existência, ainda na época medieval. Em que momento se estabelece a “era da supercomplexidade” e quais os novos desafios que ela traz para essa instituição?*

Ronald Barnett: Até pouco tempo atrás, a universidade era uma pequena instituição sem tanto destaque na sociedade. Agora, ela é uma grande instituição inserida com destaque na sociedade. Ela agora está sujeita a forças e mudanças globais a que não estava antes. Eu chamo essas mudanças de supercomplexidade. Elas envolvem, por exemplo, a era da Internet e a massificação da educação, que nos levam a desenvolver mais e mais ideias sobre nós mesmos. Essas ideias estão proliferando e competindo. É uma característica nova no mundo, onde todos estão tentando compreender a si mesmos, com narrativas competitivas sobre quem eles são, ou sobre o que eles deveriam ser. Essas novas



Universidade ganhou importância e enfrenta desafios como Internet e massificação do ensino

características do mundo têm impactos nas universidades de forma séria e profunda. O contexto global em que vivemos e as maneiras pelas quais a universidade mudou em relação à globalização deram a ela um novo significado.

JU: *E quais seriam as diferentes ideias sobre a universidade?*

Barnett: O que eu noto é que temos diferentes tipos de personalidades no que diz respeito às discussões sobre a universidade. Nós temos acadêmicos que são muito sensíveis aos desafios e forças que agem contra a universidade e que reagem de forma pessimista às oportunidades apresentadas a ela. Temos também os românticos, que gostariam de voltar a uma época supostamente melhor, o que é impossível. E temos aqueles que acreditam que basta uma gestão inteligente para sairmos

dessas dificuldades. O que eu tento desenvolver é uma quarta posição, que é sensível às reais dificuldades e forças que estão influenciando universidades em todo o mundo. Nós estamos falando de economia global, estamos falando de marketização, estamos falando de mudanças fundamentais nas universidades públicas. Sou sensível a todos esses temas, mas também prefiro vislumbrar possibilidades de mudanças positivas, casando realismo com otimismo. Isso é o que eu tento fazer em meu trabalho.

JU: *Docentes frequentemente se queixam de uma crescente demanda por produtividade acadêmica, às vezes acumulando o ensino e a pesquisa com atividades administrativas. Essa questão está inserida no tema da supercomplexidade? Como enfrentá-la?*

Barnett: Essa é uma questão muito importante e que tem crescido por causa da globalização, que é uma outra característica dessa era da supercomplexidade. Para uma universidade se destacar entre as grandes instituições, ela precisa se preocupar com a produtividade acadêmica, a quantidade de recursos para pesquisa, número de artigos publicados etc. E isso impõe uma grande demanda e trabalho aos professores, que precisam achar tempo para se tornar bons pesquisadores, além de professores. Esse é um desafio para os gestores da universidade. Uma solução já aplicada em algumas universidades é dividir sua equipe acadêmica em professores e pesquisadores. O problema aí é que terminamos desagregando a universidade, com pessoas não só em papéis diferentes, mas em classes

iStockPhoto

Dalner Palomo



Para Barnett, docentes encaram volume crescente de tarefas

diferentes. Provavelmente, aqueles que apenas dão aulas terão uma projeção menor na universidade. É preciso administrar esses problemas de uma forma bem cuidadosa e sensível.

JU: *Você encerra a palestra com a proposta de “universidade ecológica”, que seria uma instituição mais adaptada aos desafios desta “era da supercomplexidade”. Pode explicar melhor esse conceito?*

Barnett: Eu tento ser realista e otimista ao mesmo tempo. A parte realista da universidade ecológica é reconhecer que ela está inserida em todos os tipos de redes: seja nacional ou internacionalmente, seja com a sociedade, com os estudantes, com o mercado etc. Existe todo tipo de conexões, ou seja, todo tipo de ecologias. Ecologias sociais, ecologias econômicas, ecologias de conhecimento. A universidade ecológica está atenta a esses tipos de interconexões. O movimento ecológico também está sensível às suas responsabilidades em sustentar e desenvolver essas ecologias. A universidade está agora numa posição para ajudar a melhorar o mundo que ela nunca ocupou antes. A universidade ecológica é sensível às possibilidades que ela tem de melhorar o mundo e de usar seus recursos extraordinários para esse fim.

O cubo mágico eletrônico

Dispositivo interativo desenvolvido em Ilha Solteira ajuda usuário a montar quebra-cabeças

Luciana Maria Cavichioli – AUIN

Brinquedo muito popular, o cubo mágico pode auxiliar no desenvolvimento do raciocínio e da coordenação motora. A fim de diminuir o número de usuários que desistem de resolver esse quebra-cabeças, pesquisadores da Faculdade de Engenharia (FE) da **Unesp** de Ilha Solteira desenvolveram um cubo mágico eletrônico com funções que o transformam em um brinquedo mais interativo e dinâmico.

O novo cubo mágico pode executar diversas funções, como a que ajuda o usuário na sua montagem. Cada face visível dos cubos menores que compõem o jogo possui uma janela dotada de um visor translúcido sob o qual é posicionado um led (díodo emissor de luz), que integra um circuito eletrônico e pode assumir qualquer cor.

O engenheiro Pedro Ferreira Mamede idealizou o produto durante a graduação em Engenharia Elétrica na FE e, com



Divulgação

Novo brinquedo tem capacidade de movimentar cubos e gerar efeitos sonoros e visuais

auxílio do professor Alexandre César Rodrigues da Silva, foram criados os primeiros protótipos.

Há modelos de cubos mágicos eletrônicos no mercado, porém eles não se movimentam:

apenas simulam as rotações por meio de botões ou do sistema touchscreen. “O grande diferencial do cubo desenvolvido por nós é o mecanismo de movimentação dos cubos

comuns, o que ao meu ver é uma das características mais interessantes, se não a mais interessante deste brinquedo, por isso não pode ser perdida”, explica Mamede.

O cubo mágico eletrônico pode também gerar efeitos sonoros e visuais, por exemplo, caso o usuário consiga montar o quebra-cabeças. O dispositivo permite, ainda, uma atualização do banco de dados referente às informações de jogo. Esses dados podem ser, por exemplo, número de movimentos executados para a montagem, tempo de montagem etc., e podem ser acessados e visualizados no display.

O pedido de patente do cubo mágico eletrônico foi depositado pela Agência Unesp de Inovação (AUIN). Mamede montou, em setembro, um novo protótipo, com métodos mais precisos. “Agora, estou organizando uma empresa startup, para explorar esse invento”, assinala.

Para mais informações:
auin@unesp.br.

Discussão da probabilidade

Dois eventos no ICTP-SAIFR com participação de estudiosos estrangeiros discutiram modelos matemáticos que são aplicáveis a física, engenharia, biologia e economia

Jandira Oliveira

Modelos de geometria e matrizes aleatórias foi o assunto de dois eventos realizados no Instituto de Física Teórica (IFT), Câmpus da **Unesp** de São Paulo. A “School on Random Geometry and Random Matrices”, que aconteceu de 25 de agosto a 2 de setembro, e o workshop, ocorrido nos dias 3 e 4 de setembro, foram organizados pelo ICTP South American Institute for Fundamental Research (ICTP-SAIFR), em parceria com os pesquisadores Stefan Zohren (PUC-RJ) e Diego Trancanelli (USP-SP).

A escola ofereceu a estudantes de pós-graduação e pós-docs da América Latina e da Europa aulas teóricas e exercícios dados por especialistas europeus das áreas de física teórica e matemática: Jeremie Bouttier e François David (ambos do Instituto de Física Teórica em Saclay – França), Zdzislaw Burda



Jandira Oliveira

Encontro: aulas teóricas e exercícios dados por especialistas

(Universidade Jagiellonian – Polônia), Nadav Drukker (King’s College – Reino Unido) e Thordur Jonsson (Islândia).

Uma matriz é um conjunto retangular de números, símbolos ou expressões, organizados em linhas e colunas. Cada um dos itens de uma matriz é chamado de elemento. Quando esses elementos são escolhidos de forma aleatória, através de, por exemplo, experimentos cujos resultados não podem ser previstos com certeza

(lançamento de dados, previsão do tempo etc.), temos as matrizes aleatórias.

Burda explica que as matrizes aleatórias são capazes de descrever fenômenos físicos nos quais a física quântica e a física estatística são igualmente importantes. “Enquanto a primeira aborda objetos muito pequenos, como elétrons, átomos e núcleos, a segunda trata dos fenômenos resultantes da interação de um número grande de elementos”,

afirma. “Se tais conceitos não fossem entendidos, provavelmente não haveria nos dias de hoje computadores, câmeras digitais, tomógrafos e, sem a compreensão da mecânica estatística, não entenderíamos os processos que levaram à produção de motores a gasolina, aquecedores ou geladeiras.” Burda discutiu temas relacionados a conjuntos de matrizes aleatórias e suas aplicações em várias áreas da física estatística, desde a matéria condensada à econofísica, onde ele fez contribuições significativas.

O conceito de geometria aleatória cobre uma variedade de técnicas e métodos aplicáveis à descrição do comportamento estocástico – ou seja, imprevisível – de objetos aleatórios que vão de gráficos e redes a superfícies. O professor Jonsson discutiu modelos de árvores aleatórias e suas

propriedades. Árvores são objetos matemáticos que desempenham importante papel em diferentes áreas, como, por exemplo, para estudar a evolução de populações.

Já no workshop foram analisados os progressos mais recentes dessa área, em campos como teoria de cordas, gravitação quântica, física estatística e teoria de probabilidade. Enquanto o primeiro evento forneceu uma visão geral da área, o workshop colocou os estudantes em contato com o que há de mais novo nesse campo. Comenta: “Tivemos a oportunidade de assistir a aulas, discutir sobre os assuntos e fixar os conhecimentos através dos exercícios. Ainda não tinha participado de uma escola com esse formato”, comenta Ana Carolina Teixeira, pós-doc da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Na “seleção” da Intel

Unesp participa de programa mundial da empresa para computação de alto desempenho

A Intel selecionou o Núcleo de Computação Científica (NCC) da **Unesp** como um dos centros integrantes de seu programa Intel Parallel Computing Centers (IPCC). Ao se tornar um IPCC, o NCC junta-se a um seleto grupo de cerca de 40 instituições de alto nível, entre as quais ETH Zürich, Lawrence Berkeley National Laboratory e Universidades de Stanford, Wisconsin, Bristol e Edimburgo.

Os IPCCs buscam desenvolver e aprimorar softwares para aplicações de alto desempenho por meio de técnicas de programação paralela e otimização que buscam aproveitar ao máximo os recursos dos novos processadores e aceleradores com muitos núcleos de processamento. Computação paralela é um recurso voltado para a resolução de problemas complexos, que são divididos em problemas menores que, por sua vez, são resolvidos de forma simultânea.

“Os IPCCs são centros voltados para o desenvolvimento de aplicações de ponta e formação de recursos humanos especializados em computação de alto desempenho”, destaca Fernando Martins, diretor-executivo da Intel Brasil. “A **Unesp** foi escolhida para receber o segundo IPCC no Brasil, o que



Divulgação

Núcleo de Computação Científica integra grupo de cerca de 40 instituições de alto nível

demonstra não só a excelência da **Unesp**, mas também a importância do Brasil no uso e desenvolvimento de aplicativos para computação de alto desempenho.”

A disponibilização de recursos de computação de alto desempenho e o suporte aos pesquisadores visando à utilização adequada desses recursos é uma das principais atividades da equipe do NCC/Unesp. Um exemplo são os pesquisadores e estudantes do Centro de Pesquisa e Análise de São Paulo (Sprace), que realizam pesquisas em física de altas energias e usam recursos do datacenter do NCC.

“A **Unesp** tem orgulho de ser reconhecida como um Intel Parallel Computing Center e esperamos que

este seja apenas o primeiro passo na criação de um instituto voltado à pesquisa para a inovação em associação com o setor privado”, disse o professor Sérgio Novaes, diretor científico do NCC/Unesp.

A pesquisa da estrutura fundamental da matéria é realizada com o auxílio de poderosos aceleradores de partículas, como o Large Hadron Collider (LHC), da Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear (Cern). A pesquisa em física de altas energias requer grande poder de processamento e enorme espaço de armazenamento. Por isso, a comunidade internacional implantou uma ampla infraestrutura de computação, o Worldwide LHC Computing Grid (WLCG), o qual congrega centros

de processamento de dezenas de países. O NCC/Unesp abriga o T2-BR-Sprace, considerado um dos centros mais estáveis e confiáveis do WLCG.

A parceria entre a **Unesp** e a Intel buscará transformar uma ferramenta de software utilizada em diferentes áreas, o Geant4, de modo a adaptá-la às arquiteturas computacionais modernas. Também deverão ser desenvolvidas ferramentas e métricas para avaliar o desempenho de aplicações Geant4 multitarefa executadas em sistemas com coprocessadores Intel Xeon Phi. Outras atividades estarão relacionadas com o desenvolvimento do Geant-V, a nova geração do software

Geant destinada a explorar o paralelismo inerente das novas arquiteturas de hardware.

“O programa de P&D será desenvolvido em estreita colaboração com pesquisadores do Grupo de Simulações do Fermi National Accelerator Laboratory (Fermilab), os quais têm explorado micro-otimizações no código do Geant4 e estão trabalhando em parceria com engenheiros de software do Cern que estão desenvolvendo o Geant-V”, destaca Rogério Iope, coordenador técnico do IPCC da **Unesp**. Em função do programa e com financiamento da Intel, serão contratados dois bolsistas de pós-doc para trabalhar em parceria com o Fermilab e com o Cern.

O Geant4 não é usado exclusivamente na área de física de altas energias. “O Geant fornece um ambiente poderoso de simulação que pode ser usado para desenvolver técnicas de radioterapia inovadoras, como a protonterapia, e também para aprimorar as técnicas tradicionais, concentrando a dose nos tumores e reduzindo a exposição dos tecidos saudáveis”, comenta Ney Lemke, professor de Física Médica da **Unesp** que utiliza essa ferramenta em suas pesquisas.

Game orienta consumo de água

Projeto foi desenvolvido pelo grupo de jogos educacionais Ludo Educativo

Fernanda Vilela – Centro de Desenvolvimento de Materiais Funcionais (CDMF) – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Reprodução

O grupo de desenvolvimento de jogos educacionais Ludo Educativo lançou em agosto o EcoÁgua, game que enfatiza o uso correto da água. O participante administra um conjunto de chuveiros para auxiliar personagens chamados Koshis a tomar banho e economizar água.

O desenvolvedor do EcoÁgua, Julio César Carrega, explica que o grupo utilizou uma metodologia atraente para todas as idades, a partir dos três anos. “A mecânica do game, apesar de simples, mantém o jogador atento e ocupado com os eventos do jogo, garantindo diversão e envolvimento”, disse.

“As crianças podem aprender

muito com jogos que ensinam boas ações, que sejam úteis e relevantes, como o consumo consciente da água”, afirma Alexandre Rosenfeld, coordenador de desenvolvimento do grupo.

A iniciativa resultou da parceria entre o Centro de Pesquisa para o Desenvolvimento de Materiais Funcionais (CDMF), um dos Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão (Cepids) apoiados pela Fapesp, e o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia dos Materiais em Nanotecnologia (INCTMN/CNPq), com participação da **Unesp**, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), da USP e do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (Ipen).



Jogo tem proposta de ser atraente para todas as idades

O jogo está disponível para download em dispositivos móveis no *Google Play*. Também é possível jogar on-line a partir do link: <http://goo.gl/y0hqsA>.

Conheça o grupo Ludo Educativo em <http://portal.ludoeducativo.com.br>.

Conheça o CDMF em <http://goo.gl/TqCqvm>.

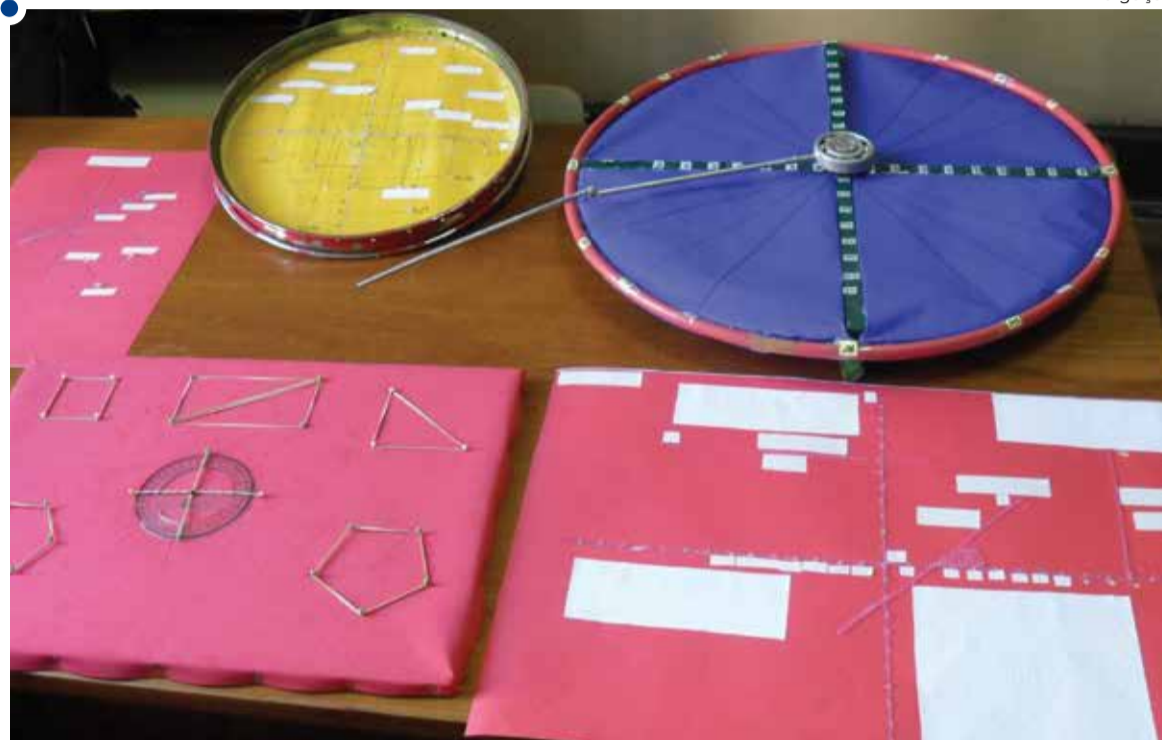
O cálculo da inclusão

Grupo Épura promove atividades para levar a Matemática a estudantes com deficiência

A educação inclusiva, que garante o direito à aprendizagem dos alunos com algum tipo de deficiência física ou intelectual, recebe cada vez mais atenção e amparo legal no país. Embora a implementação dessa modalidade de ensino ainda seja tímida diante da crescente demanda da sociedade, as iniciativas nesse setor vêm se multiplicando.

Com o objetivo de formar professores de Matemática para pessoas com deficiência, o Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Matemática Inclusiva – ou Grupo Épura – desenvolve atividades nas áreas de pesquisa, ensino e extensão. Os integrantes da equipe, coordenada pela professora Miriam Godoy Penteado, do Departamento de Matemática do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), da **Unesp** de Rio Claro, são provenientes dos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade, além do ensino básico. O Épura também tem a colaboração do professor Ole Skovsmose, que orienta pesquisas nessa área.

Atualmente, o grupo soma seis pesquisas em andamento, entre mestrados e doutorados. Os



Produção da equipe: material para ensino de trigonometria para cegos com informação em braile

estudos já finalizados focalizam temas como surdez, cegueira e autismo. Entre essas investigações está a tese defendida no ano passado por Elielson Ribeiro Sales, que avaliou a contribuição da visão para ensino e aprendizagem de matemática de alunos surdos. No trabalho, realizado em uma escola pública de Rio Claro, o pesquisador concluiu

que, para melhorar a eficiência na aprendizagem, é preciso oferecer atividades pensadas e desenvolvidas para esse estudante, utilizando a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Já Lessandra Marcelly, em seu mestrado, produziu uma História em Quadrinhos Adaptada (HQ-A) sobre o Teorema de Tales, que pode ser usada como

recurso didático em sala de aula. Elaborada com a ajuda de uma pessoa com deficiência visual, essa HQ contém textos em braile, o que permite que alunos sem condições de enxergar as imagens possam também entender o teorema.

Um outro mestrado, de Renato Marcone Souza, analisou o caso da aluna de Matemática de uma

universidade pública que perdeu a visão durante o curso e decidiu continuar seus estudos. A pesquisa aponta os esforços dos docentes da área e toda a adaptação de um departamento para atender à demanda da estudante.

Mas o campo de atuação do Épura não se resume apenas a pesquisas. O grupo dá suporte para uma disciplina optativa do curso de graduação em Matemática que trata de inclusão e apoia atividades de extensão. “Essa disciplina admite estudantes de outros cursos em regime especial, mesmo não sendo alunos da **Unesp**”, destaca Miriam.

Além disso, o grupo realiza um projeto ligado ao Núcleo de Ensino do Câmpus de Rio Claro, desenvolvido na sala de recursos – espaço com materiais adequados e profissionais preparados para atender alunos com necessidades especiais – em uma escola da cidade. O Épura oferece, ainda, um curso de Libras e oficinas de braile para aprendizagem de Matemática.

Mais informações no endereço: <http://gruopapura.blogspot.com.br/>.

A dança que ensina

Modalidade de arte pode estimular memória e aprendizado entre crianças com síndrome de Down

A dança pode ser um valioso recurso para a inclusão social e a aprendizagem de crianças com deficiência intelectual. Essa é a conclusão das investigações feitas por Ariana Aparecida Nascimento dos Santos no mestrado apresentado em agosto no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), da **Unesp** de Presidente Prudente.

Sob a orientação do professor Irineu Aliprando Tuim Viotto Filho, a pesquisa envolveu quatro crianças entre 8 e 12 anos, duas com síndrome de Down e duas sem deficiência intelectual. O grupo teve 22 encontros, entre março e agosto de 2013, no Laboratório de Atividades Ludo-Recreativas (LAR), da FCT, orientados pelos membros



Apresentação do grupo: melhora na expressão e no relacionamento entre participantes

do Grupo de Estudos, Intervenção e Pesquisa em Educação Escolar e Especial e teoria histórico-cultural (GEIPEE-thc).

As reuniões buscavam estimular a capacidade de memória e o aprendizado entre os portadores da síndrome, por meio da criação de coreografias, a partir das melodias do musical

Casa de brinquedos, do compositor Toquinho. A proposta era representar com movimentos corporais os brinquedos mencionados na obra, como bolas e ursinhos. Inicialmente, aliás, esses brinquedos foram apresentados às crianças, para facilitar a memorização. “Elas criavam passos de dança em

função das músicas e nós os incorporávamos à coreografia”, esclarece Ariana.

A pesquisadora ressalta que, para ajudar a memorização, utilizou um painel, onde era desenhada a coreografia criada. Com as conversas em torno do que estava no painel, ela enfatiza que conseguiu diminuir as

dificuldades de expressão dos participantes com a síndrome de Down. “Com o tempo, eles passaram a elaborar frases mais complexas e a utilizar conceitos mais abstratos, além de entender melhor o que eu lhes comunicava”, detalha.

O processo também beneficiou os participantes sem deficiência, que ajudaram seus colegas no desenvolvimento das coreografias. “Eles superaram os preconceitos comuns entre as crianças, em relação àquelas com dificuldade de aprendizado”, analisa Ariana. “Isso é importante para a consolidação de uma escola inclusiva, em que os alunos com deficiência aprendem os conceitos necessários junto com os demais.”

Impacto da formiga parasita

Descoberta em Rio Claro aponta novos caminhos para a teoria do surgimento das espécies

Edneia Silva

A descoberta feita por um especialista da **Unesp**, Câmpus de Rio Claro, ganhou recentemente grande destaque no cenário científico internacional. O professor Maurício Bacci Júnior, do Centro de Estudos de Insetos Sociais (Ceis) do Instituto de Biociências (IB), descobriu uma nova espécie de formiga parasita, batizada de *Mycocepurus castrator*. A novidade assinala que o surgimento das espécies não se limita ao que está previsto na teoria clássica, segundo a qual o processo evolutivo acontece por meio do isolamento geográfico de um grupo animal.

A descoberta foi publicada na revista *Current Biology*, em agosto. De acordo com o pesquisador, a grande novidade do estudo foi a comprovação de que a *Mycocepurus castrator* surgiu por meio de especiação simpátrica, ou seja, a partir de indivíduos de uma mesma colônia, sem que houvesse



A *Mycocepurus castrator* (acima) apareceu há 37 mil anos

isolamento geográfico do grupo. O nome foi escolhido porque a nova formiga inibe a procriação da hospedeira, que trabalha para alimentar a sua hóspede.

Bacci conta que a *castrator* foi localizada há cerca de dez anos, durante a escavação de

um formigueiro da espécie *Mycocepurus Goeldii*. Uma amostra foi então enviada para o especialista em taxonomia Christian Rabeling. O estudioso, que hoje atua na Universidade de Rochester, nos EUA, constatou que a formiga era mesmo diferente

e, a partir daí, ambos iniciaram estudos para comprovar se se tratava de uma parasita.

Em 2010, eles publicaram um artigo descrevendo a *Mycocepurus castrator* como parasita. De acordo com o estudioso da **Unesp**, a origem desse inseto foi confirmada por meio de datação com base em biologia molecular, relacionando o número de mutações a referências geológicas. O teste estatístico determinou que a formiga *M. Goeldii* se originou há cerca de 2 milhões de anos, enquanto a *M. castrator* apareceu há 37 mil anos.

No artigo na *Current Biology*, os autores demonstram que a *castrator* surgiu através de especiação simpátrica e que a gênese de uma nova espécie pode decorrer de um parasitismo.

A descoberta reforça a teoria de que a evolução das espécies ocorre através de vários mecanismos, sendo a especiação simpátrica um deles. Bacci explica que o próximo passo da pesquisa é procurar

Fotos divulgação



Bacci (esq.) e o doutorando Sérgio Kakazu observam formigueiro

outros exemplos de formigas parasitas para verificar se elas também representam casos de especiação simpátrica.

O estudo de Bacci e Rabeling foi realizado em parceria com Ted R. Schultz, da Smithsonian Institution, e Naomi E. Pierce, da Universidade de Harvard. A pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Ouvindo a natureza

Grupo internacional vai registrar sons e movimentação de animais em várias regiões do Brasil

Um projeto implantado por equipe internacional vai mapear e monitorar a biodiversidade de várias áreas do Brasil, por meio de recursos como gravadores sonoros, equipamentos de GPS e radares. Pelo menos 30 pessoas, entre brasileiros e estrangeiros, participam da iniciativa, que tem duração de quatro anos e é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

A empreitada está sendo conduzida pelos professores Milton Cezar Ribeiro, da **Unesp** de Rio Claro, e Otso Ovaskainen, da Universidade de Helsinki, em parceria com pesquisadores da Finlândia, dos Estados Unidos e do Canadá. Participam ainda, pela **Unesp** de Rio Claro, os professores Mauro Galetti, Marco Piza, Thiago Silva e Patrícia Morelato.

De acordo com Ribeiro, os gravadores registrarão as vocalizações, ou seja, os sons



Queixadas: estudos analisarão mamíferos, aves e até abelhas

emitidos pelos animais. "Como os gravadores estarão sincronizados com o GPS, esperamos poder inferir se os bichos estão se aproximando ou se distanciando de um gravador e indo em direção ao outro", esclarece ele. "A partir dos sons gravados, pretendemos gerar modelos de movimentos dos animais."

Ribeiro explica que o

monitoramento do canto das aves será feito por meio de 60 gravadores, que serão instalados na área do corredor Cantareira-Mantiqueira, na Região Sudeste, e também na Amazônia. Outras regiões também serão estudadas, como o Pantanal e o Cerrado sul-mato-grossense.

O estudo terá como base o monitoramento dos movimentos

de animais como queixadas, tucanos, morcegos, esquilos, onças-pardas e onças-pintadas. "O projeto do Pantanal vai conciliar a movimentação da queixada com a onça pintada. Queremos saber como se dá a relação entre presa e predador", comenta Ribeiro.

Essa parte do projeto será desenvolvida em parceria com o Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros (Cenap), do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), a WCS Brasil e a Vanderbilt University. Participa ainda da iniciativa o projeto Onçafari.

Outro dispositivo de monitoramento usado nesse trabalho serão os Matakis, modalidade de GPS desenvolvida pela empresa Microsoft. Os Matakis serão colocados nos tucanos para gravar seu movimento e os dados obtidos serão colhidos por sistema sem fio (wireless). Além disso, a equipe utilizará radares para

Fotos Julia Oshima



Ribeiro: gravadores ligados a GPS auxiliarão monitoramento

monitorar as abelhas.

As gravações vão fornecer informações para a criação de um banco de dados muito mais refinado que os atuais, já que os animais serão monitorados 24 horas por dia. Ribeiro informa que o projeto está na fase de seleção de áreas e compra de equipamentos.

O pesquisador esclarece que, por meio do deslocamento de animais e aves, é possível prever até onde eles podem se deslocar e que tipo de interferência eles provocam na vegetação e no ecossistema, por meio da dispersão das sementes e da predação. (ES)

UNIVERSIDADE COMO DESAFIO

Em evento promovido pela Escola Unesp de Liderança e Gestão, especialistas do país e do exterior debatem soluções para aprimorar a dinâmica das instituições de ensino superior

Oscar D'Ambrosio

Shutterstock



Debates focalizaram questões como avanço no desempenho administrativo e papel dessa instituição no desenvolvimento do país

Para promover uma ampla reflexão sobre a gestão universitária no atual cenário do ensino superior, a Escola Unesp de Liderança e Gestão realizou evento nos dias 25 e 26 de agosto, no Ipiranga, em São Paulo (SP). O foco da atividade foi estimular o debate sobre essa questão entre os vice-diretores das faculdades e

institutos da Universidade. Foram discutidos temas como Administração e governança em educação superior: experiências em governança institucional; Tendências da educação superior e as perspectivas e desafios para a gestão; A universidade em uma era de supercomplexidade: desafios e possibilidades; e O desafio do gestor do setor público.

Elizabeth Balbachevsky, professora do Departamento de Ciência Política da USP e diretora do Núcleo de Pesquisas em Política Pública (NUPPs/USP), explicou que a governança é uma palavra que causa estranhamento, mas ajuda a descrever situações complexas. “A boa governança permite reconhecer diversidades por meio de canais

de comunicação horizontais em que ocorra cooperação entre os atores, principalmente públicos”, disse.

De acordo com a especialista, essa dinâmica institucional limita a autonomia de cada um dos atores. Ela apontou diversos teóricos que veem a universidade como uma estrutura formada por “tribos e territórios” ou como uma “anarquia organizada”,

dentro da qual “tudo funciona, mas ninguém sabe como”.

LIDERANÇA

Para Elizabeth, a liderança da governança nos sistemas de ensino superior pode ser exercida por uma oligarquia acadêmica, como na Alemanha e no Japão; pelo Estado, como no Brasil; ou pelo mercado, como nos EUA. No primeiro caso, a hierarquia

gera uma separação grande entre o ensino universitário e o tecnológico; no último, há uma grande competição, fluidez e pressão para obter os primeiros lugares nos rankings.

A pesquisadora enfatizou que a sociedade começa a ver a universidade como o motor do desenvolvimento regional e como essencial no estabelecimento de políticas de Ciência e Tecnologia. “O principal estaria no poder da instituição de desenvolver nos indivíduos a capacidade de aprender a aprender”, comentou.

Ela disse que existe também uma expectativa de que a universidade se insira na sociedade de diversas maneiras, mas isso implica que ela esteja aberta para mudanças, como a produção de um conhecimento que seja visto como relevante pela população. “Nesse aspecto, a interação entre as áreas é essencial”, disse.

AUTONOMIA

O prestígio dos professores também está em xeque. Ela lembrou da experiência mexicana, em que o salário dos docentes é baixo e os ganhos dependem muito de premiações em dinheiro conseguidas, por exemplo, pela publicação em revistas importantes. “A autonomia muitas vezes protege a universidade de ‘loucuras’ externas, mas não das internas”, ironizou.

Elizabeth acredita que a autonomia universitária deva ser mantida, mas é necessário ampliar a interlocução da instituição com a sociedade. “Que tipo de reforma queremos? Desejamos melhorar nos rankings ou aumentar a nossa relevância na sociedade? Isso é compatível? Estamos preparados para atender às demandas da sociedade com mais cursos de especialização e de extensão? Essas são questões que temos que enfrentar”, concluiu.

Presidente da Comissão de Educação a Distância no Conselho Estadual de Educação – Santa Catarina, ex-reitor da Unisul e ex-presidente da Inter-American Organization for Higher Education, Gerson Luiz Joner da Silveira buscou oferecer as suas respostas. Afirmou que gestão e liderança são dois temas que o fascinam, sendo essenciais para consolidar o conhecimento.

TENDÊNCIAS

Em sua análise, Silveira buscou identificar tendências contemporâneas em educação do ensino superior, como a expansão do fluxo internacional de estudantes e a certificação da qualidade acadêmica de cursos. “O crescimento da



“É preciso formar pessoas ativas, motivando funcionários a não boicotar ações renovadoras.”

Gerson Luiz Joner da Silveira



“Estamos preparados para atender às demandas da sociedade com mais cursos de especialização e extensão?”

Elizabeth Balbachevsky



“Nossa missão não é operacionalizar, mas pensar e verificar se uma ação deve ser operacionalizada.”

Maria Tereza Dib Zambon Atvars



“Correr riscos é uma necessidade para introduzir mudanças. Sem isso, torna-se muito difícil a modernização.”

Ruthy Nadia Laniado

educação corporativa e a formação de conglomerados e consórcios internacionais de educação também são um dado importante”, afirmou. “E isso ocorre num cenário em que o Brasil vem chamando cada vez mais a atenção mundial pelas suas potencialidades.”

A expansão acelerada da educação a distância, o envelhecimento da população, que busca ensino continuado, e o impacto das novas tecnologias, seja na gestão, seja na sala de aula, são fatores que também precisariam ser levados em conta para realizar o planejamento de uma instituição de ensino superior.

“Cursos de especialização e profissionalizantes são demandas de uma sociedade

em que a educação tem um papel competitivo no sentido de se ter maior empregabilidade e integração social”, comentou Silveira. “Além disso, para desenvolver essa consciência, as universidades precisariam consolidar uma cultura de avaliação de seus cursos e professores. E isso não é fácil”, acredita.

PLANEJAMENTO

Entre os desafios para a universidade, o professor enfatizou a necessidade de agir seguindo um planejamento estratégico. “É preciso formar pessoas ativas, motivando funcionários a não boicotar ações renovadoras”, comentou. “É essencial criar bases de gestão estratégica de excelência para

atingir melhores práticas de gestão administrativas e acadêmicas.”

Maria Tereza Dib Zambon Atvars, pró-reitora de Desenvolvimento Universitário da Unicamp, começou mostrando como a sua pró-reitoria lida com atividades como avaliação institucional e certificação de grupos internos, justamente temas que preocupam Silveira. “Nossa missão não é operacionalizar, mas pensar e verificar se uma ação deve ser operacionalizada”, disse.

A professora discorreu sobre os desafios de natureza acadêmica e de gestão da universidade. Um dos principais é a expansão de vagas com qualidade e com inclusão social, levando em conta dimensões sociais e éticas e uma perspectiva de conscientização ambiental. “Para isso acontecer, na

atual conjuntura, é preciso reduzir custos e modificar processos administrativos”, advertiu a pró-reitora.

EVASÃO E REPROVAÇÕES

A redução de evasão e de reprovações seria outro imperativo estratégico a ser atingido com um bom sistema educacional e de gestão. Na opinião de Maria Tereza, a educação superior brasileira precisa atingir um número maior de jovens em todas as classes sociais, além de buscar solucionar uma questão: não está concentrada nas áreas que produzem conhecimento tecnológico.

Há, porém, aspectos positivos nesse panorama. Ela ressaltou a presença de seis universidades brasileiras entre as 500 melhores do mundo pelo ranking de Shanghai, sendo que as três públicas paulistas (USP, Unesp e Unicamp) estão entre as 400 melhor posicionadas. Destacou também os benefícios que a presença de uma universidade pública traz para o seu entorno em termos de desenvolvimento econômico e social. “Esse processo, se bem feito, pode ser sustentável. A universidade é um vetor de desenvolvimento, que gera inclusive ICMS nas cidades em que atua”, declarou.

Para Maria Tereza, entre as características da universidade, estão o conservadorismo em relação a mudanças, a sua dificuldade de falar uma linguagem que a aproxime da população e a dificuldade de inovar processos e quadros administrativos e burocráticos, o que gera falta de dinamismo nas ações.

MUDANÇA

Ela se pergunta se é possível mudar. Segundo a dirigente, a estrutura sólida, conservadora e rígida é capaz de se alterar se houver um novo modelo de governança em que ocorra crescimento e qualificação da instituição com uma gestão otimizada. “É preciso discutir onde e como reduzir custos dentro dos condicionantes políticos, administrativos e operacionais existentes. Otimizar o tamanho dos quadros, modernizar os espaços, como as salas de aula, e diagnosticar problemas e realizar um planejamento em função deles são medidas importantes”, encerrou.

Ronald Barnett, professor emérito de Educação Superior no Instituto de Educação da Universidade de Londres, alertou que, para enfrentar questões como as apresentadas por Maria Tereza, a universidade precisa de mais pensamento, ideias e imaginação. Entre seus

desafios, estão a equidade, as oportunidades sociais, a criação de espaços de discussão e a administração de dificuldades e ansiedades (veja entrevista na página 3). “Para lidar com tudo isso, é interessante pensar em dois cenários: o da complexidade e o da supercomplexidade”, afirmou. (Veja quadro 1).

O cenário complexo, segundo Barnett, assemelha-se a um prato de espaguete. Trata-se das atribuições do cotidiano, como administrar centenas de e-mails diários e lidar com incertezas de discussões e sistemas e estruturas que muitas vezes deixam a desejar. “A supercomplexidade é uma forma particular de complexidade. A grande questão passa a ser de quem são as responsabilidades dentro de um cenário de crise de identidades e de mudanças, em que muitas e diferentes respostas são dadas simultaneamente”, comentou.

MELHORAR O MUNDO

Essas questões poderiam ser cristalizadas naquilo que Barnett chama de “Universidade Ecológica”, uma instituição voltada para melhorar o mundo no qual se insere. “Redes e relacionamentos deveriam levar em conta conexões e princípios de sustentabilidade. Os alunos precisam se sentir envolvidos na direção da formação de cidadãos e não apenas de profissionais. Trata-se de uma utopia possível desde que entendamos a universidade como um organismo pleno de complexidade e capaz de gerar ideias sobre si mesmo e de dialogar com a sociedade”, concluiu.

Ruthy Nadia Laniado, professora da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), concordou com Barnett sobre a presença na universidade de inúmeras tensões e desafios. Seu foco foi a relação entre os atores do mundo universitário: professores, funcionários e alunos. O contexto dessa relação, para Ruthy, é uma sociedade de lideranças difusas, marcado pela multiplicação dos centros de poder. Para ela, a universidade é um corpo social sui generis, que mescla elementos das instituições e das organizações.

A docente explicou que, como instituição, a universidade tem como características a produção de conhecimento e de cultura e a busca da socialização do saber. Como organização, integra indivíduos à sociedade e, ao mesmo tempo, é um espelho da realidade em que se encontra.

LEGITIMAÇÃO

Nesse contexto, a universidade brasileira, por ser jovem, estaria

relacionada a uma história colonial e republicana, sendo, para Ruthy, elitizada e hierarquizada. “A universidade precisa ser um espaço livre para pensar, não só reproduzindo o mundo, mas também criticando-o”, conta. “Ao mesmo tempo, ela reproduz ações massificadas e oferece alternativas criativas. Tudo isso legitima a universidade para si própria e para a sociedade.”

A universidade precisaria lidar com dilemas como pensar seus gastos, gerir seus valores, como a própria história, e trabalhar com a complexidade das questões administrativas. “Existem

alguns parâmetros comuns para todas as universidades, como Currículo Lattes e um consenso da necessidade das ações serem colegiadas e transparentes à sociedade”, comentou Ruthy.

Uma questão fundamental estaria na capacidade de o professor ser um bom gestor, o que incluiria certas habilidades, como atuar em ambientes de mudança, saber negociar com diferentes atores internos e externos e construir um consenso nas negociações, entendendo esse consenso como uma unidade representativa de argumentação.

RESPONSABILIDADES

Simplificar ações e distribuir melhor responsabilidades seriam ações primordiais do gestor, assim como estabelecer mecanismos para guardar a memória e registrar ações burocráticas. “Temos hoje um excesso de docentes em funções burocráticas. Num universo de difusão do poder, os cargos de chefe de departamento ou diretor de unidade já não são tão ambicionados. Há uma percepção de que o professor será lembrado pela sua pesquisa científica ou ação no laboratório, mas muito dificilmente como gestor”, apontou Ruthy.

Confiança e cooperação entre

os agentes da universidade, ou seja, entre professores, funcionários e alunos, seria fundamental. Na avaliação da estudiosa, há uma desconfiança generalizada em relação ao poder. Além disso, as pessoas não se sentiriam responsáveis por aqueles que ajudaram a eleger – e a situação se agravaria quando escolhem a opção perdedora.

“Correr riscos é uma necessidade para introduzir mudanças. Sem isso, torna-se muito difícil a modernização. A tendência é então de lentidão e prorrogação do processo de tomada de decisões”, concluiu.

As ideias de Ron Barnett

1 - UNIVERSIDADE NA ERA DA COMPLEXIDADE E DA SUPERCOMPLEXIDADE

Desafios na Era da Complexidade

Externos

- Globalização
- Ranqueamentos mundiais
- Financiamento limitado
- Demandas de vagas
- Auditorias de qualidade
- Concorrência entre universidades

Internos

- Concorrência entre as faculdades e institutos
- Acesso diferente a fundos de pesquisa
- Diferentes tipos de alunos
- Relação entre ensino e pesquisa
- Recompensas para motivar corpo docente
- Atritos entre ser gestor e ser acadêmico

Desafios na Era da Supercomplexidade

- O que é ser uma universidade no século XXI?
- O que significa “conhecimento” hoje?
- Qual deve ser a relação entre a universidade e a sociedade?
- A universidade deve atender às demandas da sociedade e/ou criticar a sociedade?
- Programas devem ter empregabilidade em mente e/ou formar cidadãos para a sociedade?
- Quais os melhores critérios de gestão e de avaliação das universidades?

2 - O QUE É A UNIVERSIDADE ECOLÓGICA

- É consciente de sua conexão com o mundo (várias Ecologias)
- Dialoga com Ecologias do Conhecimento, das Instituições Sociais, da Economia, da Cultura e das Pessoas
- Trabalha com a ideia de redes e as alarga continuamente

- Busca sustentar e melhorar o bem-estar de cada uma das Ecologias
- Não é uma universidade apenas de pesquisa ou empreendedora, mas voltada para o outro
- Tem a proposta de melhorar o mundo



Dalner Palomo

Barnett: deve-se atender à demanda da sociedade ou criticá-la?

Formação e capacitação



Dalner Palomo

Marilza (centro): meta é formar e capacitar gestores da Unesp

O objetivo da Escola Unesp de Liderança e Gestão é formar e capacitar os gestores da **Unesp**, compartilhar melhores práticas de gestão, analisar as práticas visando aprimorar os processos e melhorar a efetividade da gestão institucional. A Escola Unesp de Liderança e gestão é produto de uma idealização conjunta dos gestores da **Unesp**

sob a liderança de Marilza Vieira Cunha Rudge. Este projeto teve como pedra fundamental a Oficina de Educação Corporativa realizada nos dias 27 e 28 de maio de 2013.

Mais informações
<<http://goo.gl/av164z>>.

Avanço internacional

Unesp é a instituição brasileira que subiu maior número de posições na lista da Quacquarelli Symonds (QS), uma das mais importantes classificações universitárias do mundo

Reprodução

A **Unesp** foi a universidade brasileira que mais ganhou pontos no ranking da publicação britânica Quacquarelli Symonds (QS), uma das principais listas de universidades do mundo, subindo 70 posições nos quesitos reputação e proporção de professor para estudante.

A reputação é um critério medido por meio de pesquisa com mais de 63 mil acadêmicos e 23 mil empregadores do mundo.

No geral, a **Unesp**, a quarta brasileira a aparecer na lista, saiu da colocação entre 491-500 para 421-430. "A universidade mais uma vez mostra sua capacidade, apresentando resultado ímpar em toda a sua história. Ter subido 70 pontos em um único ano mostra

que nossa comunidade está trabalhando em prol de termos maior protagonismo entre as melhores universidades do Brasil e do mundo", afirma Maria José Soares Mendes Giannini, pró-reitora de Pesquisa da **Unesp**.

A USP é a primeira instituição da América Latina a aparecer na lista, ocupando o 132º lugar em 2014. A Unicamp é a segunda brasileira mais bem colocada, na 206ª posição. A terceira brasileira é a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 271º lugar.

Ben Sowter, chefe de pesquisa do QS, afirmou à reportagem por e-mail que as universidades brasileiras têm dificuldades em dois indicadores do ranking: o corpo docente internacional e o número de



Universidade avançou 70 posições nos quesitos reputação e proporção de professor por aluno

estudantes estrangeiros. "As universidades brasileiras também não estão maravilhosamente bem no indicador de relação de professor por aluno – que, com investimentos adequados, pode melhorar", explicou Sowter.

LIDERANÇA

Pelo terceiro ano consecutivo, os rankings do QS são liderados pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), dos EUA. Em segundo lugar, aparecem a Universidade de Cambridge e o

Imperial College London, ambos do Reino Unido.

Mais informações
<estadao.com.br/e/uniranking>.

Unesp melhora avaliação no Guia do Estudante

Os 105 cursos da **Unesp** avaliados receberam estrelas do *Guia do Estudante* da Editora Abril. Nesta 23ª edição do periódico, que circula nas bancas dia 10 de outubro, 53 cursos da Universidade obtiveram 5 estrelas, ou seja 46% dos cursos analisados; 50 alcançaram 4 estrelas; e 2 foram contemplados com 3 estrelas.

O desempenho foi ainda melhor que o de 2013, quando 40 cursos receberam 5 estrelas; 53 cursos, 4 estrelas; e 12 cursos, 3 estrelas.

Em 2012, também 105 cursos foram estrelados, sendo 43 com 5 estrelas; 51, com quatro estrelas; e 11, com três estrelas.

O destaque da instituição no *Guia* tem sido crescente. Em 2005, foram 64 cursos estrelados; em 2006, 69; em 2007, 77; em 2008, 83; em 2009, 92; em 2010, 100; em 2011, 102; e, em 2012, 2013 e 2014, 105.

CURSOS 5 ESTRELAS

Administração (Tupã), Administração Pública (Araraquara), Agronomia (Botucatu), Agronomia (Ilha Solteira), Agronomia (Jaboticabal), Biblioteconomia (Marília), Biomedicina (Botucatu), Ciências



Nesta edição, 53 dos cursos analisados obtiveram 5 estrelas

Biológicas (Botucatu), Ciências Biológicas (São José do Rio Preto), Ciências Biológicas (São Vicente), Ciências Econômicas (Araraquara), Ecologia (Rio Claro), Educação Física (Rio Claro), Engenharia Ambiental (Rio Claro), Engenharia Ambiental (Sorocaba), Engenharia Civil (Ilha Solteira), Educação Física (Bauru), Engenharia de Alimentos (São José do Rio Preto), Engenharia Biotecnológica (Assis), Engenharia Elétrica (Bauru), Engenharia Elétrica (Ilha Solteira), Engenharia Florestal (Botucatu), Engenharia Industrial Madeireira (Itapeva), Engenharia de Produção (Guaratinguetá), Farmácia (Araraquara), Fonoaudiologia (Marília), Geografia (Presidente Prudente), Geografia (Rio Claro), História (Franca), Jornalismo (Bauru), Letras - Tradutor (São José do Rio Preto), Matemática (Rio

Claro), Matemática (São José do Rio Preto), Medicina (Botucatu), Medicina Veterinária (Araraquara), Medicina Veterinária (Botucatu), Medicina Veterinária (Jaboticabal), Nutrição (Botucatu), Odontologia (Araraquara), Odontologia (São José dos Campos), Pedagogia (Araraquara), Pedagogia (Bauru), Pedagogia (Marília), Pedagogia (Presidente Prudente), Pedagogia (Rio Claro), Pedagogia (São José do Rio Preto), Química (Araraquara), Química (São José do Rio Preto), Rádio e TV (Bauru), Serviço Social (Franca), Sistemas de Informação (Bauru), Zootecnia (Botucatu), Zootecnia (Jaboticabal).

Mais detalhes da avaliação em
<<http://goo.gl/EMJVvk>>.

Nutrição é destaque em ranking da Folha

A *Folha de S. Paulo* divulgou, no dia 8 de setembro, o Ranking Universitário Folha (RUF) 2014. Como no ano anterior, 192 universidades foram analisadas em cinco aspectos: pesquisa, ensino, avaliação do mercado de trabalho, inovação e internacionalização.

A **Unesp** atingiu o 6º lugar na colocação geral, com as seguintes posições parciais: Qualidade de Ensino (11º), Qualidade de Pesquisa (7º), Avaliação do Mercado (5º), Inovação (7º), Internacionalização (24º). A nota final da **Unesp** foi 93,17.

RANKING DE CURSOS

Veja os cursos da **Unesp** que ficaram entre os dez primeiros colocados (entre parênteses estão as posições nos rankings de Mercado e Ensino, respectivamente):
1º lugar: Nutrição (2º e 1º)
2º lugar: Design (5º e 2º);
Medicina Veterinária (1º e 2º)
3º lugar: Ciências Biomédicas (3º e 3º); Fisioterapia (7º e 3º)
4º lugar: Agronomia (2º e 4º); Educação Física (2º e 7º); Farmácia (4º e 2º); Geografia (2º e 6º); Letras (2º e 4º)
5º lugar: Ciências Biológicas (2º e 5º); Matemática (2º e 6º); Pedagogia

(2º e 5º); Serviço Social (5º e 6º)
6º lugar: Engenharia Ambiental (4º e 8º); Engenharia Civil (1º e 9º); Engenharia Elétrica (3º e 9º); Filosofia (2º e 7º); História (2º e 6º); Odontologia (4º e 6º); Química (2º e 7º)
7º lugar: Ciências Sociais (2º e 7º); Engenharia Mecânica (2º e 12º); Medicina (4º e 7º); Psicologia (12º e 7º)
8º lugar: Engenharia de Controle e Automação (1º e 13º); Física (2º e 9º)
9º lugar: Ciência da Computação (17º e 8º)
10º lugar: Arquitetura e Urbanismo (4º e 10º); Engenharia de Produção (12º e 11º).



Unesp atingiu sexto lugar entre 192 instituições avaliadas

Lista completa em
<<http://ruf.folha.uol.com.br/2014>>.

Universo em expansão

Repositório Institucional Unesp completa um ano com mais de 70 mil documentos em formato digital, que registram e divulgam a crescente produção científica da Universidade

Reprodução

Criado há um ano, o Repositório Institucional Unesp reúne aproximadamente 71 mil documentos, entre artigos, trabalhos apresentados em eventos, dissertações, teses, e-books e patentes. “A iniciativa amplia a visibilidade e a acessibilidade dos resultados das pesquisas realizadas na Universidade”, comenta Marilza Vieira Cunha Rudge, vice-reitora no exercício da reitoria. “Potencializa ainda o intercâmbio com outras instituições nacionais e internacionais”, acrescenta Maria José Soares Mendes Giannini, pró-reitora de Pesquisa.

Os repositórios institucionais, diferentemente das bibliotecas digitais, lidam com documentos resultantes da produção da instituição e de seus membros, por exemplo, os artigos e os trabalhos apresentados em eventos por docentes e pesquisadores e as teses e dissertações defendidas em seus cursos de pós-graduação. Já as bibliotecas digitais lidam com documentos que não foram necessariamente criados na instituição ou por seus membros, por exemplo, periódicos científicos, e-books assinados e conteúdo multimídia para aulas na graduação.

INCLUSÕES

A atual cobertura do Repositório decorre de um conjunto de metas que vêm sendo alcançadas desde seu lançamento e implantação, como inclusão dos artigos, trabalhos e resumos apresentados em eventos indexados nas bases de dados *Web of Science* e *Scopus* e de autoria ou coautoria de pesquisadores da Unesp; dos artigos publicados por pesquisadores da Unesp em periódicos da *SciELO* e em periódicos apoiados pela Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPE); das dissertações e das teses defendidas na Universidade e disponíveis em formato digital; dos e-books da coleção Propg Digital e da Fundação Editora Unesp; e das patentes produzidas por pesquisadores da Unesp.

Armazenar, preservar, disseminar e possibilitar o acesso aberto à produção da Universidade tem sido o objetivo norteador do Repositório. “A identidade

Além de ampliar visibilidade da pesquisa, repositório potencializa intercâmbio com outras instituições do país e do exterior

visual transmite a ideia de armazenamento, de disseminação e de divulgação. O logotipo foi concebido a partir da parceria entre a equipe do Repositório e a empresa Júnior Design Júnior, do Câmpus de Bauru, representa também um universo em expansão, no caso a própria Unesp, e, ao mesmo tempo, a convergência do conhecimento em um só lugar, que é o Repositório”, conta Flávia Maria Bastos, responsável pela Coordenadoria Geral de Bibliotecas (CGB) e atual coordenadora executiva do Repositório.

PRÓXIMAS AÇÕES

Desde a implantação do Repositório, a equipe tem trabalhado na inclusão de funcionalidades que agreguem valor ao Repositório e à produção da Unesp, tais como o fator de impacto dos periódicos em que os artigos foram publicados e o número de citações que os artigos receberam nas bases de dados *Web of Science* e *Scopus*.

A inclusão de outras funcionalidades e de procedimentos para o desenvolvimento e a melhoria contínua do Repositório está nos planos do Grupo Gestor, sendo que os esforços atuais estão centrados na viabilização do

autoarquivamento de dissertações e de teses. “Isso garantirá maior visibilidade às pesquisas desenvolvidas nos programas de pós-graduação da Universidade”, informa a coordenadora acadêmica Silvana Aparecida Borsetti Gregorio Vidotti.

O autoarquivamento também fomentará junto à comunidade da Unesp o uso do Repositório e a percepção dos benefícios trazidos por ele, abrindo caminho para outras ações que permitirão maior interação entre a comunidade e esse importante ambiente de acesso à informação.

O armazenamento de outros tipos de documentos também figura entre as ações futuras. Recentemente, por exemplo, foram incluídas as patentes desenvolvidas na Universidade. “O objetivo, a médio e longo prazos, é que o Repositório Institucional seja reflexo da dimensão da Unesp nos termos da produção resultante de suas atividades de ensino, de pesquisa e de extensão”, informa a coordenadora geral do projeto, Tania Regina de Luca.

Endereço do Repositório Institucional Unesp:
<<http://repositorio.unesp.br>>.

REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL UNESP EM NÚMEROS

Tipo de documento	Quantidade
Artigos	43.262
Trabalhos e resumos apresentados em eventos	5.279
Dissertações	13.998
Teses	7.006
Livros e capítulos de livros	234
Patentes	143
Outros (resenhas, editoriais, cartas e notas)	1.364
Total	71.286

Parceria institucional

Além de visar à produção da própria Universidade, o Repositório Institucional Unesp integra parceria com os repositórios da USP e da Unicamp para criação do Repositório da Produção Científica Cruesp (<http://www.repositorio.cruesp.sp.gov.br>). As atividades de planejamento e de desenvolvimento do Repositório Institucional Unesp iniciaram-se em fevereiro de 2013, a partir da Portaria Unesp nº 88, que estabeleceu o Grupo Gestor da Política do Repositório

Institucional Unesp, constituído por membros da Reitoria, das Pró-Reitorias, da Coordenadoria Geral de Bibliotecas (CGB) e do Núcleo de Educação a Distância (NEaD) com o objetivo de implantar, desenvolver e manter o repositório institucional da Universidade. Ele foi implantado e apresentado à comunidade durante a 4ª Conferência Luso-Brasileira sobre Acesso Aberto (Confoa), realizada em outubro de 2013, em São Paulo (SP).

Novo nome do Brasil em entidade de química

A União Internacional de Química Pura e Aplicada (International Union of Pure and Applied Chemistry, ou Iupac) é uma organização não governamental dedicada ao avanço da química no mundo. Criada em Genebra em 1919, tem como membros as sociedades nacionais de química.

O Brasil participa da Iupac e recentemente escolheu uma nova representante para a entidade: Vanderlan Bolzani, professora do Instituto de Química da Unesp de Araraquara e diretora-executiva da Agência Unesp de Inovação (AUIN).

“Por quase uma década, a representação brasileira na Iupac esteve a cargo do professor Fernando Galembeck, que desempenhou a função

com admirável maestria. Cumpre-me ressaltar e agradecer toda a sua dedicação e as inúmeras contribuições nesses anos à frente da representação brasileira”, diz Adriano D. Andricopulo, presidente da Sociedade Brasileira de Química (SBQ).

A ação de Galembeck foi considerada determinante para que o Brasil fosse escolhido como país-sede do 46º Congresso Mundial de Química e da 49ª Assembleia Geral da Iupac, em 2017. Em quase 100 anos de história, será a primeira vez que o continente sul-americano sediará o evento.

Além disso, em 2017, a SBQ completará 40 anos de sua fundação. A SBQ é uma das National Adhering Organizations (NAOs), ou seja, um membro formal da Iupac. Cada NAO representa os químicos em um país do mundo.

Leonardo Abicair



Vanderlan: agora na União Internacional de Química Pura e Aplicada

Prêmio pelo apoio ao bem-estar animal

Divulgação



World Animal Protection destacou trabalho de Márcia

Professora da Faculdade de Medicina Veterinária da Unesp de Araraquara, Márcia Marinho é uma das 20 vencedoras do concurso Estratégias e Práticas Pedagógicas para o Ensino Eficaz do Bem-Estar Animal na América. Os docentes escolhidos terão seu trabalho divulgado em uma publicação acadêmica patrocinada pela entidade World Animal Protection. A seleção inclui nove iniciativas brasileiras.

Márcia foi indicada pelo trabalho Educação Humanitária em Bem-Estar Animal. A docente, que ministra a disciplina Comportamento e Bem-Estar Animal, também coordena o Projeto Ecovet, que estimula os alunos ingressantes de Araraquara a plantarem uma árvore e cuidarem dela ao longo do curso.

O primeiro lugar do concurso ficou com Marlyn Hellen Romero Peñuela, da Colômbia, pelo estudo El Bienestar Animal Durante el Presacrificio: Un Aprendizaje Significativo.

O concurso da World Animal Protection identificou algumas das melhores estratégias para aprimorar o ensino de bem-estar animal em cursos de graduação e pós-graduação das Faculdades de Ciência Animal (Medicina Veterinária, Zootecnia, Biologia, Agronomia e Zootecnia) do continente. A iniciativa tem apoio do Panvet, da Federação Pan-Americana de Faculdades de Ciências e do Copevet. Ao todo, foram mais de 50 inscrições de docentes dedicados ao ensino do bem-estar animal na América Latina.

SEMPRE UNESP

Distinção para uma recém-doutora

Divulgação



Suellen (centro) foi laureada na categoria “Professional promissor”

“Por sua dedicação, currículo acadêmico brilhante, pesquisa inovadora em áreas da organização do conhecimento e por seu potencial futuro de excelência na área”, Suellen Oliveira Milani recebeu em abril o Prêmio World Library Leaders 2014 na categoria Promising Professional. Suellen é ex-aluna do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Unesp de Marília.

O prêmio é oferecido pela Satija Research Foundation for Library and Information Science (SRFLIS) desde 2011.

A SRFLIS é uma fundação indiana não governamental e sem fins lucrativos que tem entre seus objetivos promover atividades relacionadas a pesquisa e divulgação na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Anualmente, a SRFLIS analisa o currículo e as condutas acadêmicas e de pesquisa dos doutores da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação e atribui prêmios em três categorias: Profissional Promissor; para recém-doutores; Excelência Profissional, para acadêmicos e pesquisadores em

atividade; e Realização de uma Vida, destinado a acadêmicos e pesquisadores aposentados.

Suellen tornou-se uma candidata ao prêmio por ocasião do seu doutorado sanduíche, quando cumpriu atividades acadêmicas e de pesquisa durante todo o ano de 2012 na School of Information Studies, na University of Wisconsin-Milwaukee (EUA), com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).



Boas-vindas aos alunos do Top China-Brasil

Grupo da Shanghai Jiao Tong University acompanhou palestras de professores da Unesp

Marcos Jorge

A Reitoria da **Unesp** recebeu no dia 25 de agosto um grupo de aproximadamente 50 estudantes e professores chineses que fazem parte do programa Top China-Brasil. Ao longo da manhã, eles acompanharam palestras sobre a **Unesp**, as relações entre os dois países e outros temas.

O programa Top China-Brasil é uma iniciativa do Santander Universidades e foi lançado em 2009 para incentivar a cooperação entre os dois países no ambiente acadêmico. Neste ano, 40 estudantes e dez professores chineses permaneceram no Brasil por três semanas para conhecer um pouco sobre o país e o ensino superior brasileiro.

O grupo é formado por alunos entre 19 e 22 anos de diferentes cursos de graduação, como Arquitetura, Ambiente, Geologia, História, Engenharia, Biologia, Oceanografia e Ciência dos Materiais. A maioria é estudante na Shanghai Jiao Tong University, uma das mais tradicionais e bem conceituadas instituições de ensino superior da China.

O professor Roberval Daiton Vieira, chefe de Gabinete da Reitoria, apresentou o perfil da **Unesp** e seus principais programas de pós-graduação, com ênfase especial na característica multicâmpus e no impacto da universidade no Interior paulista.

Vice-diretora do Instituto de Artes (IA), Câmpus de São Paulo,

a professora Valerie Albright fez um breve histórico do instituto, descreveu suas atividades acadêmicas e esclareceu dúvidas dos alunos sobre o ensino de Artes no Brasil. Em seguida, o professor Luís Antonio Paulino, diretor-executivo do Instituto Confúcio da **Unesp**, apresentou algumas características geográficas do território nacional, além de destacar o papel dos imigrantes na formação da sociedade brasileira.

Na última palestra, a professora Denise Soares de Moura mostrou a história das relações entre Brasil e China. Além da **Unesp**, o grupo conheceu outras universidades e centros de tecnologia e visitou pontos turísticos do Estado.



Marcos Jorge

O professor Roberval Vieira apresentou Unesp a chineses

Aluna integra pesquisa veterinária no Canadá

Na sua primeira experiência fora do Brasil, Mayara Luzzi, aluna da **Unesp** de Jaboticabal, participa de um projeto de pesquisa sobre parasitologia veterinária na University of Calgary, uma das principais instituições de ensino superior canadenses, localizada na Província de Alberta. O projeto é financiado pelo programa Mitacs Globalink do governo canadense, iniciativa voltada para alunos de graduação que desejam atuar na área de pesquisa. O programa tem como parceira no Brasil a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes).

“Participar de um grande grupo de pesquisa, como está acontecendo comigo, abre os olhos para as infinitas possibilidades em nossa área de interesse e me faz cada dia mais querer ser uma pesquisadora”, ressalta Mayara, que é orientada pela imunologista Constace Finney.

O estágio oferecido pelo programa dura 12 semanas, com bolsa que cobre despesas com manutenção, passagens aéreas, ajuda com o visto e moradia. Para se candidatar, o



Divulgação

Mayara participa de grupo na University of Calgary

aluno precisa saber falar inglês (ou francês, dependendo da província canadense onde se localiza a instituição desejada), ter nota média acima de 7, nenhuma reprovação e já ter participado de algum projeto de pesquisa. Para escolher o projeto de que pretende participar, o candidato elege cinco opções de uma lista no site do Mitacs e, se o professor

líder se interessar, haverá uma entrevista on-line pelo skype ou por telefone.

Links para informações e inscrição:
Mitacs:
<<http://goo.gl/QGz0Fy>>
Capes:
<<http://goo.gl/6rDR2z>>

Intercambista nos EUA recebe menção honrosa

Aluno da Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá (FEG), da **Unesp**, Thiago Andrade foi homenageado pela Universidade de Minnesota no final de agosto por seu aproveitamento acadêmico. O estudante do curso de graduação em Engenharia Elétrica está nos Estados Unidos para um intercâmbio promovido pelo programa Ciências sem Fronteiras.

A menção honrosa foi oferecida a Thiago Andrade por seu aproveitamento acadêmico no último semestre. Segundo o aluno de Guaratinguetá, o curso de Engenharia da universidade norte-americana homenageia os estudantes que obtêm rendimento superior a 87,5%. “Eles enviaram inclusive uma carta me parabenizando pelo desempenho acadêmico. É uma forma de a universidade reconhecer o esforço do seu aluno”, explica.

Thiago conta que a estrutura da Universidade de Minnesota é parecida com a da **Unesp**, com unidades espalhadas por todo o Estado. O câmpus onde está localizada a Faculdade de Engenharia, na pequena cidade de Duluth, oferece outros 30 cursos e abriga cerca de 10 mil estudantes.

“A universidade é bem estruturada, especialmente



Divulgação

Desempenho acadêmico rendeu menção honrosa a Andrade

para o frio, que aqui já chegou aos 30 graus negativos. Eu moro nos alojamentos oferecidos pela universidade e são todos muito bem conectados com as salas de aula”, conta Thiago, que também destaca a qualidade dos laboratórios de robótica e telecomunicações, além de uma biblioteca de quatro andares.

O retorno de Thiago para o Brasil está marcado para dezembro. No momento, seus planos são aproveitar o último semestre na universidade para trabalhar com pesquisa, de preferência na iniciação científica. “Eu não tenho muito certo se vou atuar na área de educação ou no mercado de trabalho”, afirma. (MJ)

AGÊNCIA UNESP DE INOVAÇÃO

Durômetro automatizado portátil vence competição



Daniel Patire

O projeto de um durômetro automatizado portátil foi o vencedor da competição I2P (Idea to Product), promovida pela Agência Unesp de Inovação (AUIN). A invenção servirá para medir a dureza de madeiras utilizadas em dormentes de ferrovias, móveis ou mesmo para testes em laboratório. O resultado foi divulgado no dia 22 de agosto, no Câmpus de São Paulo. A equipe vencedora vai competir no I2P mundial, em Austin, no Texas (EUA).

O equipamento foi projetado pelos pós-graduandos Albert Augusto de Assis e Rogério Pinto Alexandre, sob orientação do professor Adriano Wagner Ballarin, todos da Faculdade de Ciências Agrônômicas

(FCA), Câmpus de Botucatu. De acordo com Assis, o durômetro pode substituir os existentes nos laboratórios de qualidade pelo país, por ser mais barato, menor e dar respostas mais rápidas.

No dispositivo, uma haste de ferro é erguida, chocando-se com a madeira. Pela medição do deslocamento da haste por meio de sensores, os resultados são dados em 5 milésimos de segundo em um display digital.

A equipe vencedora foi escolhida entre 15 finalistas. Estes, por sua vez, foram selecionados entre 25 propostas enviadas à AUIN pelas unidades da Unesp. "As propostas finalistas foram aquelas que apresentaram um maior nível de desenvolvimento dos projetos, visando ao mercado", explicou Rita Costoya, gerente de

Transferência de Tecnologia da agência.

A Competição I2P é uma ferramenta elaborada nos Estados Unidos, em 2001, para aprofundar o debate sobre inovação e comercialização de tecnologia e promover o espírito empreendedor entre estudantes. Em 2014, a AUIN lançou uma competição própria para estimular a inovação entre estudantes, professores e pesquisadores da Universidade.

Mais informações sobre o durômetro em: <http://goo.gl/9OYfYG>.

Equipes participam da competição Baja

Mayara Abreu Mendes - ACI/Faac/Bauru

Em agosto, foi promovida a competição regional do Sudeste do Baja SAE, em Sarzedo (MG), envolvendo veículos montados por equipes de alunos de universidades da região. No dia 31, aconteceram a final da prova de suspension and traction, a competição de arrancada e o enduro.

A Unesp participou do evento com equipes dos Câmpus de Guaratinguetá e Ilha Solteira. Na etapa de suspension, Ilha Solteira não atingiu o desempenho esperado, passando por poucos obstáculos até falhar.

A prova de arrancada dividiu as 30 equipes em três grupos. Nove se classificaram para as oitavas, entre elas a equipe de Ilha Solteira, que passou para as oitavas em primeiro de seu grupo, terminando em sexto lugar na colocação geral da prova.

No enduro, Ilha Solteira e Guaratinguetá pararam antes do final. A grande vitoriosa do dia foi



Mayara Abreu Mendes

Integrantes das equipes de Guaratinguetá e Ilha Solteira

a Universidade Federal de Minas Gerais, que ficou em primeiro em todas as provas. Guaratinguetá levou dois prêmios: o terceiro lugar no suspension and traction e o quinto na classificação geral. Ilha Solteira não obteve nenhum prêmio, ficando em oitavo lugar.

O capitão da equipe Tec Ilha, André Luiz Ramos, aluno do terceiro ano de Engenharia Mecânica, achou o resultado satisfatório: "Todos trabalharam bem, mas ainda espero melhoras no carro", disse. Samuel Cerruti, do terceiro ano de Engenharia

Elétrica e capitão de Guaratinguetá, também aprovou a experiência: "A organização de nossa equipe contou muito para chegar aos dois prêmios que conseguimos", comentou.

Informações sobre a classificação final em: <http://goo.gl/bIEJeP>
Leia também: <http://goo.gl/q7ePg4>; <http://goo.gl/QI452n>.

Erramos

Há duas incorreções na reportagem "Ideias na esfera social", publicada na pág. 4 da edição 303, do *Jornal Unesp*. O pesquisador Roberto della Santa defendeu sua tese pelo Programa de Pós-Graduação em

Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências, Câmpus de Marília, e não pela Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Araraquara.

Della Santa também é o autor da apresentação do livro

As jornadas de junho – Os significados do retorno das manifestações de massas no Brasil. A reportagem informou incorretamente que o autor seria Maurício Bernardino Golçalves.



GOVERNADOR: Geraldo Alckmin
SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SECRETÁRIO: Nelson Baeta Neves Filho

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

REITOR: Julio Cezar Durigan
VICE-REITORA: Marilza Vieira Cunha Rudge
PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO: Carlos Antonio Gamero
PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO: Laurence Duarte Colvara
PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO: Eduardo Kokubun
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA:
Mariângela Spotti Lopes Fujita
PRÓ-REITORA DE PESQUISA: Maria José Soares Mendes Giannini
SECRETÁRIA-GERAL: Maria Dalva Silva Pagotto
CHEFE DE GABINETE: Roberval Daiton Vieira
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
E IMPRENSA: Oscar D'Ambrosio
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA DE INFORMÁTICA:
Edson Luiz França Senne
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA JURÍDICA:
Edson César dos Santos Cabral
ASSESSOR-CHEFE DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO:
Mario de Beni Arrigone
ASSESSOR-CHEFE DE RELAÇÕES EXTERNAS:
José Celso Freire Júnior
ASSESSOR ESPECIAL DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO:
Rogério Luiz Buccelli
DIRETORES/COORDENADORES-EXECUTIVOS DAS UNIDADES
UNIVERSITÁRIAS:
Francisco Leydson Formiga Feitosa (FMV-Araçatuba),
Ana Maria Pires Soubhia (FO-Araçatuba), Cleopatra da
Silva Planeta (FCF-Araçatuba), Andreia Affonso Barretto
Montandon (FO-Araçatuba), Arnaldo Cortina (FCL-
Araraquara), Leonardo Pezza (IQ-Araçatuba), Ivan
Esperança Rocha (FCL-Assis), Nilson Ghirardello (FAAC-
Bauru), Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger (FC-
Bauru), Edson Antonio Capello Sousa (FE-Bauru), João
Carlos Cury Saad (FCA-Botucatu), Silvana Artioli Schellini (FM-
Botucatu), Maria Dalva Cesario (IB-Botucatu), José Paes de
Almeida Nogueira Pinto (FMVZ-Botucatu), Paulo Alexandre
Monteiro de Figueiredo (Dracena), Célia Maria David
(FCHS-Franca), Marcelo dos Santos Pereira
(FE-Guaratinguetá), Rogério de Oliveira Rodrigues
(FE-Ilha Solteira), Ricardo Marques Barreiros (Itapeva),
Maria Cristina Thomaz (FCAV-Jaboticabal), José Carlos
Miguel (FFC-Marília), Andréa Aparecida Zacharias
(Ourinhos), Marcelo Messias (FCT-Presidente Prudente),
Reginaldo Barboza da Silva (Registro),
Jonas Contiero (IB-Rio Claro), Sérgio Roberto Nobre
(IGCE-Rio Claro), Renata Maria Ribeiro (Rosana),
José Roberto Ruggiero (Ibilce-São José do Rio Preto),
Carlos Augusto Pavanelli (ICT-São José dos Campos),
Mario Fernando Bolognesi (IA-São Paulo), Rogério
Rosenfeld (IFT-São Paulo), Wagner Cotroni Valenti (CLP-
São Vicente), André Henrique Rosa (Sorocaba) e Danilo
Florentino Pereira (Tupã).

jornalunesp

EDITOR: André Louzas
REDAÇÃO: Cíntia Leone e Daniel Patire
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: Edneia Silva e Fernanda Vilela
(texto); Dalner Palomo, Julia Oshima e Leonardo Abicair
(foto); Jandira Oliveira, Marcos Jorge e Mayara Abreu
Mendes (texto e foto)
EDIÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO: Phábrica de Produções
(diretores de arte: Alecsander Coelho e Paulo Ciola)
(diagramadores: Bruna Rodrigues, Caio Domingues,
Jéssica Teles, Marcelo Macedo e Rodrigo Alves)
REVISÃO: Maria Luiza Simões
PRODUÇÃO: Mara Regina Marcato
ASSISTENTE DE INTERNET: Marcelo Carneiro
APOIO ADMINISTRATIVO: Thiago Henrique Lúcio
TIRAGEM: 16.100 exemplares
Este jornal, órgão da Reitoria da Unesp, é elaborado
mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa
(ACI). A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é
permitida, desde que citada a fonte.

ENDEREÇO: Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, Centro,
CEP 01049-010, São Paulo, SP. Telefone: (11) 5627-0323.
HOME PAGE: <http://www.unesp.br/jornal>
E-MAIL: jornalunesp@reitoria.unesp.br

IMPRESSÃO: 46 Indústria Gráfica

VEÍCULOS

Unesp Agência de Notícias:
<http://unan.unesp.br/>
Rádio Unesp:
<http://www.radio.unesp.br/>
TV Unesp:
<http://www.tv.unesp.br/>

INTERIOR UNIVERSAL

Nascido na região de Presidente Prudente, Cirton Genaro mistura testemunhos de vida à crítica social, por meio de amplo domínio do desenho e outros recursos artísticos

Oscar D'Ambrosio

Professor do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo por mais de 20 anos, o artista plástico Cirton Genaro hoje ministra aulas de desenho e pintura em seu ateliê, na Vila Mariana, e no Museu Brasileiro da Escultura, na capital paulista. Embora esteja há décadas numa metrópole, o universo do Interior do Estado marcou sua vida e imprime uma vigorosa expressão em sua obra.

E parte da trajetória de Genaro também é ligada à Unesp de Presidente Prudente. No começo dos anos 1970, formou-se em Ciências Sociais na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que viria a integrar a Universidade em 1976 e onde conheceu a sua esposa. Líder estudantil durante a ditadura militar, realizou para a Unesp um painel sobre a história da humanidade que restaurou no começo deste ano.

Filho de imigrantes italianos, Genaro nasceu em 1947, em Martinópolis, perto de Presidente Prudente. Apaixonou-se pela arte na escola pública, incentivado pelas professoras, que o convidavam para desenhar os temas das aulas na lousa. Entre 1965 e 1968, ainda em sua cidade natal, estudou pintura no ateliê do artista checo Jorge Kopečný, com quem aprendeu macetes de técnicas como a tinta a óleo, o desenho, a aquarela e o pastel.

Durante o antigo curso Normal – atual ensino médio –, produziu cartazes para os jogos esportivos do Interior e começou a ganhar dinheiro fazendo desenhos de retratos. Também deu aula em escolas rurais enquanto cursava a



Daniel Patire

Egresso da Unesp, Genaro tem sólida carreira como professor

universidade. Em 1969, recebe o Prêmio Estímulo Artes Plásticas do Governo do Estado de São Paulo, conhecendo então nomes importantes como o pintor Arcangelo Ianelli, que por sua vez o apresentou ao artista plástico Otávio Araújo.

RUMO À CAPITAL

Genaro fez muitos desenhos sobre o Interior, vendo desmatamentos, conflitos de terra e o sofrimento dos camponeses da região do Paranapanema. Também desenhou sob encomenda muitos cavalos quarto-de-milha, introduzidos na região para lida com o gado. Ao se mudar para São Paulo, em

1974, conheceu o biólogo Paulo Vanzolini, com quem trabalhou oito anos no Museu de Zoologia da USP, desenhando répteis da Caatinga, o que rendeu um livro sobre o assunto. “Foi fascinante ver o amor daquele homem pelos animais e pelo samba”, conta o pintor, que chegou também a receber encomendas sobre répteis para a Universidade de Harvard.

No Liceu de Artes e Ofícios, Genaro atuou como professor e na organização dos ateliês de escultura, gravura, pintura e desenho. Paralelamente, desenvolveu aquilo que o crítico de arte Jacob Klintowitz chamou de “surrealismo caipira”, com imagens em que o ser interiorano,



Reprodução

Pintura que é exemplo do “surrealismo caipira” criado pelo pintor

por exemplo, surge com ninhos do pássaro joão-de-barro traspassados por garfos, facas, pasta e escova de dentes. O caipira aparece ainda numa recriação do célebre quadro de Almeida Junior que retrata uma figura típica do interior picando fumo.

Na década de 1980, produziu ilustrações para revistas como *Playboy* e *Veja*, além de imagens para livros didáticos da Editora Ática. “Naquela época, havia muito preconceito e discussão entre os próprios artistas se a ilustração era ou não uma forma de arte”, comenta.

PRESSA

Genaro acredita que existe hoje muita pressa em se fazer uma carreira artística. “Arcangelo Ianelli me dizia que o artista ganhava consciência de seu trabalho aos 30 anos; aos 50, podia se considerar profissional; e, aos 80, começava a ter retorno de sua obra”, aponta.

Para Genaro, a avidez pela ascensão na carreira leva a deixar de lado o desenho, por exemplo. “Ele é uma metodologia para interpretar o mundo. Chegou-se

a dizer que a fotografia tornava o desenho inútil, mas é a fotografia que aprende com o desenho se o entendermos não como simples reprodução daquilo que se considera real, mas como um ato de captar a experiência humana do artista com aquele que está posando. Assim, o real é o retrato, não a foto”, diz.

A convivência com outros grandes artistas, como Aldemir Martins e Mario Gruber, apontou para uma valorização da “cozinha” da pintura em termos de técnica e de materiais. “Estudo todos os estilos. Não ensino a pintar da minha maneira. Por isso, no meu ateliê, há alunos que atuam nas mais variadas vertentes, como pontilhismo, cubismo, surrealismo e arte conceitual”, comenta.

Divulgação



Painel na Unesp de Presidente Prudente, restaurado este ano, representa história humana

Ouçã ainda entrevistas de Cirton Genaro:
<<http://goo.gl/ra9m5N>>
<<http://goo.gl/VslfAE>>